CAPÍTULO III

O DINHEIRO OU A CIRCULAÇÃO DAS MERCADORIAS

1. Medida dos valores

A fim de simplificar, pressuponho sempre neste escrito o ouro como a mercadoria monetária.

A primeira função do ouro consiste em fornecer ao mundo das mercadorias o material para sua expressão de valor ou em representar os valores das mercadorias como grandezas de mesma denominação, qualitativamente iguais e quantitativamente comparáveis. Assim, ele funciona como medida geral dos valores e é apenas por meio dessa função que o ouro, a mercadoria equivalente específica, se torna inicialmente dinheiro.

Não é por meio do dinheiro que as mercadorias se tornam comensuráveis. Ao contrário. Sendo todas as mercadorias, enquanto valores, trabalho humano objetivado, e portanto sendo em si e para si comensuráveis, elas podem medir seus valores, em comum, na mesma mercadoria específica e com isso transformar esta última em sua medida comum de valor, ou seja, em dinheiro. Dinheiro, como medida de valor, é forma necessária de manifestação da medida imanente do valor das mercadorias: o tempo de trabalho.[141]

141 A pergunta por que o dinheiro não representa diretamente o próprio tempo de trabalho, de forma que, por exemplo, uma nota de papel represente *x* horas de trabalho, se reduz simplesmente à pergunta por que, na base da produção de mercadorias, os produtos de trabalho precisam representar-se como mercadorias, pois a representação de mercadoria implica sua duplicação em mercadoria e mercadoria monetária. Ou por que o trabalho privado não pode ser tratado como seu contrário, trabalho diretamente social. Já tratei minuciosamente, em outra parte, do utopismo superficial de uma "moeda trabalho", com base na produção de mercadorias. (*Op. cit.*, p. 61 *et seqs.*) Observaria ainda que, por exemplo, a "moeda trabalho" de Owen é tão pouco "dinheiro" como um bilhete de teatro. Owen pressupõe trabalho diretamente socializado, uma forma de produção diametralmente oposta à produção de mercadorias. O certificado de trabalho constata apenas a participação individual do produtor no trabalho comum e seu direito individual à parte do produto comum destinada ao consumo. Porém, a Owen não ocorre pressupor a produção de mercadorias e, apesar disso, querer escamotear suas condições necessárias por meio de artimanhas monetárias.

A expressão de valor de uma mercadoria em ouro — x da mercadoria $A = y$ da mercadoria monetária — é sua forma de dinheiro ou seu preço. Uma equação isolada, como 1 tonelada de ferro = 2 onças de ouro, basta agora para representar o valor do ferro de uma maneira socialmente válida. A equação já não tem de marchar em fila e coluna com as equações de valor das outras mercadorias, porque a mercadoria equivalente, o ouro, já possui o caráter de dinheiro. A forma valor relativa geral das mercadorias tem assim de novo a figura de sua forma valor relativa original, simples ou singular. Por outro lado, a expressão relativa de valor desdobrada ou a infinita série de expressões relativas de valor torna-se a forma de valor especificamente relativa da mercadoria dinheiro. Mas essa série agora já está dada socialmente nos preços das mercadorias. Basta ler, ao revés, as cotações de uma lista de preços, para encontrar a grandeza de valor do dinheiro, representada em todas as mercadorias possíveis. Dinheiro, por sua vez, não tem preço. Para participar dessa forma relativa unitária das outras mercadorias, teria de ser relacionado a si mesmo, como seu próprio equivalente.

O preço ou a forma monetária das mercadorias, como sua forma valor em geral, é distinta de sua forma corpórea real e tangível, uma forma somente ideal ou imaginária. O valor de ferro, linho, trigo etc., embora invisível, existe nessas coisas mesmas; ele é imaginado por sua igualdade com ouro, uma relação com o ouro que, por assim dizer, só assombra suas cabeças. O guardião das mercadorias tem, por isso, de meter sua língua na cabeça delas ou pendurar nelas pedaços de papel para comunicar seus preços ao mundo exterior.[142] Como a expressão dos valores das mercadorias em ouro é ideal, aplica-se nessa operação também somente ouro ideal ou imaginário. Cada guardião de mercadorias sabe que ainda está longe de dourar suas mercadorias, quando dá a seu valor a forma de preço ou forma ouro imaginária e que ele não precisa de nenhuma migalha de ouro real para avaliar, em ouro, milhões de valores mercantis. Em sua função de medida de

142 O selvagem ou semi-selvagem usa a língua de outro modo. O Capitão Parry observa, por exemplo, nos habitantes da costa ocidental da baía de Baffin: "Nesse caso" (ao intercambiar produtos) "(...) eles o lambiam" (o que lhes foi oferecido) "duas vezes com a língua, com o que pareciam considerar o negócio concluído satisfatoriamente".* Do mesmo modo, entre os esquimós orientais, o permutante lambia o artigo ao recebê-lo. Se a língua no norte, portanto, serve de órgão de apropriação, não é de admirar que no sul a barriga funciona como órgão de propriedade acumulada e que o cafre calcule a riqueza de um homem segundo a sua pança. Os cafres são tipos muito espertos, pois enquanto o relatório oficial inglês sobre a saúde, de 1864, deplora a falta de substâncias formadoras de gorduras em grande parte da classe trabalhadora, um certo dr. Harvey, não o que descobriu a circulação do sangue, no mesmo ano fez a sua fortuna por meio de receitas charlatanescas que prometiam livrar a burguesia e a aristocracia da carga de gordura excessiva.

* PARRY, W. E. *Journal of a Voyage for the Discovery of a North-West Passage from the Atlantic to the Pacific; Performed in the Years 1819-1820, in His Majesty's Ships Hecla and Griper, under the Orders of William Edward Parry*. 2ª ed. Londres, 1821. p. 277-278. (N. da Ed. Alemã.)

valor, o dinheiro serve, portanto, como dinheiro apenas imaginário ou ideal. Essa circunstância deu origem às mais absurdas teorias.[143] Embora apenas dinheiro imaginário sirva para a função de medida do valor, o preço depende totalmente do material monetário real. O valor, isto é, o *quantum* de trabalho humano contido, por exemplo, numa tonelada de ferro, é expresso num *quantum* imaginário da mercadoria monetária, que contém a mesma quantidade de trabalho. Por isso, conforme ouro, prata ou cobre sirvam de medida do valor, o valor da tonelada de ferro recebe expressões de preço inteiramente diferentes ou é apresentado em quantidades de ouro, prata ou cobre totalmente diversas.

Se, por isso, duas mercadorias diferentes, por exemplo ouro e prata, servem, ao mesmo tempo, de medidas de valor, então todas as mercadorias possuem duas expressões diferentes de preços, o preço em ouro e o preço em prata, que correm tranqüilamente um ao lado do outro, enquanto a relação de valor entre ouro e prata ficar inalterada, por exemplo 1: 15. Mas cada alteração dessa relação de valores perturba a relação entre os preços em ouro e os preços em prata das mercadorias, provando assim, de fato, que a duplicação da medida de valor contradiz sua função.[144]

Todas as mercadorias com preços determinados apresentam-se sob a forma: a mercadoria $A = x$ ouro, b mercadoria $b = z$ ouro, c mercadoria $C = y$ ouro etc., em que a, b, c representam certas quantidades das espécies de mercadorias A, B, C, e x, y, z certas quantidades de ouro. Os valores das mercadorias são assim transformados em quantidades imaginárias de ouro de tamanhos diferentes, portanto, apesar

143 Ver MARX, Karl. *Zur Kritik* etc., "Theorien von der Masseinheit des Geldes", p. 53 *et seqs*.

144 Nota à 2ª edição. "Onde o ouro e a prata permanecem legalmente um ao lado do outro, como dinheiro, isto é, como medida de valor, sempre tentou-se, em vão, tratá-los como uma única e mesma matéria. Se foi admitido que o mesmo tempo de trabalho tem que, imutavelmente, objetivar-se na mesma proporção de prata e de ouro, admite-se de fato que prata e ouro são a mesma matéria e que determinada quantidade do metal menos valioso, da prata, forma uma fração imutável de determinada massa de ouro. Do governo de Eduardo III até o tempo de George II, a história do sistema monetário inglês decorre numa série progressiva de perturbações resultante da colisão entre a fixação legal da relação de valor entre ouro e prata e suas reais oscilações de valor. Ora era o ouro avaliado em demasia, ora era a prata. O metal subavaliado era retirado de circulação, fundido e exportado. A relação de valor de ambos os metais era então legalmente alterada, mas o novo valor nominal entrava logo no mesmo conflito com a relação de valor real, como o antigo. — Em nossa própria época, a queda muito fraca e passageira no valor do ouro em relação à prata, em conseqüência da demanda de prata na Índia e na China, produziu o mesmo fenômeno na maior escala, na França: exportação da prata e sua expulsão da circulação pelo ouro. Durante os anos de 1855, 1856 e 1857, o excedente de importação de ouro pela França sobre a exportação de ouro pela França montou a 41,58 milhões de libras esterlinas, enquanto o excedente de exportação de prata sobre a importação de prata foi de 34,704 milhões de libras esterlinas. De fato, nos países onde os dois metais são as medidas legais de valor, portanto, onde ambos têm que ser aceitos em pagamento, mas qualquer um pode pagar à vontade em ouro e prata, o metal com valor em alta porta um ágio e mede como qualquer outra mercadoria seu preço no metal superavaliado, enquanto o último é o único que serve de medida de valor. Toda a experiência histórica nessa área se reduz simplesmente a que, onde duas mercadorias estão legalmente providas com a função de medida de valor, só uma delas se impõe como tal." (MARX, Karl. *Op. cit.*, p. 52-53.)

da confusa variedade dos corpos das mercadorias, em grandezas de mesma denominação, grandezas de ouro. Como tais quantidades de ouro, elas se comparam e medem entre si e se desenvolve tecnicamente a necessidade de relacioná-las a um *quantum* fixado de ouro como sua unidade de medida. Essa mesma unidade de medida, por meio de posterior divisão em partes alíquotas, é transformada em padrão de medida. Antes de se tornarem dinheiro, o ouro, a prata e o cobre já possuíam tais padrões de medida em seus pesos metálicos, de modo que, por exemplo, uma libra serve de unidade de medida, subdividindo-a, por um lado, outra vez em onças etc., e somando-a, por outro lado, em quintais etc.[145] Assim, em toda circulação metálica, as denominações preexistentes do padrão de peso formam também as denominações originais do padrão monetário ou padrão de medida dos preços.

Como medida dos valores e como padrão dos preços, o dinheiro exerce duas funções inteiramente diferentes. É medida dos valores por ser a encarnação social do trabalho humano, padrão dos preços por ser um peso fixado de metal. Como medida de valor, serve para transformar os valores das mais variadas mercadorias em preços, em quantidades imaginárias de ouro; como padrão dos preços, mede essas quantidades de ouro. Na medida dos valores, as mercadorias se medem como valores; o padrão dos preços, ao contrário, mede as quantidades de ouro em um *quantum* de ouro, e não o valor de um *quantum* de ouro no peso do outro. Para o padrão dos preços, determinado peso de ouro tem de ser fixado como unidade de medida. Aqui, como em todas as outras determinações de medida de grandeza de mesma denominação, a estabilidade das relações de medida torna-se decisiva. Por isso, o padrão de preços cumpre sua função tanto melhor quanto mais invariavelmente um mesmo *quantum* de ouro sirva de unidade de medida. Como medida de valores o ouro somente pode servir porque ele mesmo é produto de trabalho, sendo, portanto, um valor potencialmente variável.[146]

É claro, agora, que uma mudança de valor do ouro não prejudica, de modo algum, sua função como padrão de preços. Por mais que varie o valor do ouro, diferentes quantidades de ouro mantêm entre si sempre a mesma relação de valor. Caia de 1 000% o valor do ouro, depois como antes, 12 onças de ouro terão 12 vezes o valor de 1 onça de ouro e no que se refere aos preços trata-se apenas das relações de várias

145 Nota à 2ª edição. A singularidade de, na Inglaterra, a onça de ouro como unidade do padrão monetário não estar dividida em partes alíquotas explica-se do seguinte modo: "Nosso sistema monetário originariamente estava adaptado apenas à utilização de prata — portanto, 1 onça de prata pode sempre ser dividida em determinado número alíquoto de peças monetárias; visto, porém, que o ouro somente foi introduzido numa época posterior num sistema de moedas que estava adaptado apenas à prata, 1 onça de ouro não poderia ser cunhada num número alíquoto de moedas". (MACLAREN. *History of the Currency*. Londres, 1858, p. 16.)

146 Nota à 2ª edição. Nos escritos ingleses é indizível a confusão sobre medida dos valores (*measure of values*) e padrão dos preços (*standard of value*). As funções e, portanto, seus nomes são constantemente trocados.

quantidades de ouro entre si. Como, por outro lado, 1 onça de ouro não muda de nenhuma forma seu peso com a queda ou subida de seu valor, tampouco muda o peso de suas partes alíquotas, e assim o ouro, como padrão fixo dos preços, presta sempre o mesmo serviço, qualquer que seja a mudança do seu valor.

A mudança de valor do ouro também não impede sua função de medida de valor. Ela atinge simultaneamente todas as mercadorias, deixando assim, *coeteris paribus*, inalterados seus valores recíprocos relativos, embora eles todos se expressem agora em preços de ouro mais altos ou mais baixos do que antes.

Como na representação do valor de uma mercadoria no valor de uso de qualquer outra, também na avaliação das mercadorias em ouro somente se pressupõe que, na época dada, a produção de determinado *quantum* de ouro custa dado *quantum* de trabalho. Com relação ao movimento dos preços das mercadorias em geral, valem as leis anteriormente desenvolvidas da expressão relativa simples de valor.

Os preços das mercadorias só podem subir generalizadamente, permanecendo igual o valor do dinheiro, se os valores das mercadorias sobem; permanecendo iguais os valores das mercadorias, se cai o valor do dinheiro. E vice-versa. Os preços das mercadorias só podem cair generalizadamente, permanecendo igual o valor do dinheiro, se caem os valores das mercadorias; permanecendo iguais os valores das mercadorias, se sobe o valor do dinheiro. Não segue daí, de modo algum, que uma subida do valor do dinheiro acarreta uma queda proporcional dos preços das mercadorias, e uma queda do valor do dinheiro uma subida proporcional dos preços das mercadorias. Isso somente vale para mercadorias de valor inalterado. Mercadorias, por exemplo, cujo valor sobe proporcional e simultaneamente com o valor do dinheiro mantêm os mesmos preços. Se seu valor sobe mais lenta ou mais rapidamente que o valor do dinheiro, a queda ou a subida de seus preços será determinada pela diferença entre o movimento do valor delas e o do dinheiro etc.

Voltemos agora à observação da forma preço.

As denominações monetárias dos pesos metálicos se desligam, pouco a pouco, de suas denominações originais de peso por diferentes motivos, sendo os seguintes os historicamente decisivos: 1) Introdução de dinheiro estrangeiro em países menos desenvolvidos; na Roma Antiga, por exemplo, circulavam, inicialmente, moedas de prata e de ouro, como mercadorias estrangeiras. As denominações desse dinheiro estrangeiro são diferentes das denominações de peso do país. 2) Com o desenvolvimento da riqueza, o metal menos nobre é deslocado da função de medida de valor pelo mais nobre. O cobre pela prata, a prata pelo ouro, por mais que essa seqüência contradiga[147] a cronologia poética.[148]

147 De resto, ela também não possui validade histórica universal.

148 Cronologia poética. Na mitologia antiga a história da humanidade era dividida em cinco períodos. Na idade do ouro, os homens viviam mais felizes e sem preocupações; a terra era

Libra, por exemplo, era então a denominação monetária de uma verdadeira libra de prata. Tão logo o ouro desloca a prata da função de medida de valor, o mesmo nome associa-se talvez a 1/15 etc. de 1 libra de ouro, conforme a relação de valor entre o ouro e a prata. Libra como denominação monetária, e libra, como denominação ordinária de peso do ouro, são agora separadas.[149] 3) A falsificação de dinheiro, continuada durante séculos pelos príncipes, que do peso original das moedas deixou, de fato, apenas o nome.[150]

Esses processos históricos convertem em costume popular a separação da denominação monetária dos pesos metálicos de sua denominação corrente de peso. Como padrão monetário é, por um lado, puramente convencional e como necessita, por outro lado, de validade geral, ele acaba sendo regulado por lei. Determinado peso do metal nobre, por exemplo, 1 onça de ouro, é oficialmente dividido em partes alíquotas, que recebem nomes de batismo legais como libra, táler etc. Tal parte alíquota, que funciona agora como a verdadeira unidade de medida do dinheiro, é dividida em outras partes alíquotas com nomes de batismo legais, como xelim, pêni etc.[151] Agora como antes, determinados pesos metálicos permanecem como padrão do dinheiro metálico. O que mudou foi a divisão e a denominação.

Os preços, ou as quantidades de ouro, em que se transformam idealmente os valores reais das mercadorias, são expressos agora nas denominações monetárias ou nas denominações de conta do padrão ouro legalmente válidos. Portanto, em lugar de dizer que o *quarter* de trigo é igual a 1 onça de ouro, diríamos, na Inglaterra, que é igual a 3 libras esterlinas, 17 xelins e 10 1/2 pence. As mercadorias comunicam-se mutuamente, assim, em suas denominações monetárias, quanto valem e o dinheiro serve de dinheiro de conta sempre que se trata de fixar uma coisa como valor e, portanto, em forma dinheiro.[152]

propriedade comum e produzia tudo o que era necessário à vida. A esse estado perfeito seguiu, porém, uma piora gradual do mundo, representada como idade da prata, idade do bronze, idade dos heróis e idade do ferro. Esta última época era caracterizada por trabalho penoso e solo infecundo; a vida era cheia de injustiça, violência e homicídio. — A lenda das cinco idades é retomada novamente nas obras do épico grego Hesíodo e, posteriormente, nas do poeta lírico romano Ovídio. (N. da Ed. Alemã.)

149 Nota à 2ª edição. Assim, a libra inglesa significa menos de 1/3 de seu peso original, a libra escocesa antes da Union* apenas 1/36, a libra francesa 1/74, o maravedi espanhol menos de 1/1 000, o real português uma proporção ainda muito menor.
* A união entre Inglaterra e Escócia, que se deu em 1707, ligou a Escócia definitivamente à Inglaterra. O Parlamento escocês foi dissolvido e todas as barreiras econômicas entre os dois países removidas. (N. da Ed. Alemã.)

150 Nota à 2ª edição. As moedas cujas denominações hoje são apenas ideais, são em todas as nações as mais antigas; outrora foram todas reais, e justamente porque foram reais, calculava-se com elas." (GALIANI. *Della Moneta. Op. cit*., p. 153.)

151 Nota à 2ª edição. O sr. David Urquhart observa, em suas *Familiar Words,* sobre a monstruosidade (!) de que hoje em dia 1 libra (£ St.), a unidade do padrão monetário inglês, é aproximadamente igual a 1/4 de onça de ouro: "Isso é falsificação de uma medida e não fixação de um padrão". [p. 105.] Ele vê nessa "falsa denominação" do peso do ouro, como em tudo mais, a mão falsificadora da civilização.

152 Nota à 2ª edição. Quando se perguntou a Anacharsis para que os helenos precisavam de

A denominação de uma coisa é totalmente extrínseca à sua natureza. Eu não sei nada sobre um homem sabendo que o seu nome é Jacobus. Do mesmo modo desaparece nos nomes monetários libra, táler, franco, ducado etc. qualquer vestígio da relação de valor. A confusão sobre o sentido secreto desses signos cabalísticos é tanto maior na medida em que as denominações monetárias expressam ao mesmo tempo o valor das mercadorias e partes alíquotas de um peso metálico, do padrão monetário.[153] Por outro lado, é necessário que o valor, em contraste com os coloridos corpos do mundo das mercadorias, evolua para essa forma reificada sem sentido próprio, mas também simplesmente social.[154]

O preço é a denominação monetária do trabalho objetivado na mercadoria. Por isso, a equivalência da mercadoria e do *quantum* de dinheiro, cuja denominação é o preço dela, é uma tautologia,[155] como a expressão relativa de valor de uma mercadoria por si é sempre a expressão da equivalência de duas mercadorias. Mas se o preço como expoente da grandeza de valor da mercadoria é expoente de sua relação de troca com dinheiro, não se segue, ao contrário, que o expoente de sua relação de troca com dinheiro seja necessariamente o expoente de sua grandeza de valor. Suponhamos que o trabalho socialmente necessário de igual grandeza represente-se em 1 *quarter* de trigo e em 2 libras esterlinas (cerca de 1/2 onça de ouro). As 2 libras esterlinas são a expressão monetária da grandeza de valor do *quarter* de trigo ou seu preço. Se as circunstâncias permitirem sua cotação a 3 libras esterlinas ou forçarem sua cotação a 1 libra esterlina, então como ex-

dinheiro, respondeu ele: para fazer contas." (ATHEN[AEUS]. *Deipn*. Livro Quarto, 49, v. 2, p. 120, ed. Schweighaeuser, 1802.)

153 Nota à 2ª edição. "Como o ouro, como padrão dos preços, aparece com denominações de conta iguais às dos preços das mercadorias, de forma que, por exemplo, 1 onça de ouro tanto quanto o valor de 1 tonelada de ferro é expressa em 3 libras esterlinas, 17 xelins e 10 1/2 pence, essas suas denominações de conta foram designadas como o seu preço monetário. Surgiu, por isso, essa estranha concepção de que o ouro (respectivamente a prata) seria avaliado em seu próprio material e, em contraste com todas as outras mercadorias, receberia do Estado um preço fixo. Confundiu-se a fixação dessas denominações de conta de determinados pesos de ouro com a fixação do valor desses pesos." (MARX, Karl. *Op. cit*., p. 52.)

154 Ver "Teorias da Unidade de Medida do Dinheiro". In: *Zur Kritik der Pol. Oekon*. etc. p. 53 *et seqs*. As fantasias sobre o aumento ou a diminuição do "preço da moeda", que consistem em que as denominações monetárias legais de pesos legalmente fixados de ouro ou prata sejam transferidas, por parte do Estado, para pesos maiores ou menores, e assim passar a cunhar 1/4 de onça de ouro, em 40 xelins em vez de em 20 — essas fantasias, na medida em que não objetivem operações financeiras inábeis contra credores públicos ou privados, mas sim "curas milagrosas" econômicas, já foram tratadas tão exaustivamente por Petty em *Quantulumcumque Concerning Money. To the Lorde Marquis of Halifax, 1682,* que seus sucessores imediatos, Sir Dudley North e John Locke, para não falar nos posteriores, puderam apenas vulgarizá-lo. "Se a riqueza de uma nação", diz ele, entre outras coisas, "pudesse ser decuplicada por meio de um decreto, seria de estranhar que nossos governos não tivessem já há muito tempo promulgado tais decretos." (*Op. cit*., p. 36.)

155 "Ou então deve-se reconhecer que 1 milhão em dinheiro tem mais valor que igual valor em mercadorias" (LETROSNE, *Op. cit*., p. 919), portanto, "que um valor vale mais que outro valor igual."

pressão da grandeza de valor do trigo 1 libra esterlina e 3 libras esterlinas são ou pequenas ou grandes demais, mas mesmo assim elas são preços do mesmo, pois são, primeiro, sua forma valor, dinheiro, e segundo, expoentes de sua relação de troca com dinheiro. Com condições de produção constantes ou força produtiva do trabalho constante, deve-se despender para a reprodução de 1 *quarter* de trigo, tanto antes como depois, a mesma quantidade de tempo social de trabalho. Essa circunstância não depende da vontade do produtor do trigo nem da de outros possuidores de mercadorias. A grandeza de valor da mercadoria expressa, assim, uma relação necessária imanente a seu processo de formação com o tempo de trabalho social. Com a transformação da grandeza de valor em preço, essa relação necessária aparece como relação de troca de uma mercadoria com a mercadoria monetária, que existe fora dela. Mas nessa relação pode expressar-se tanto a grandeza de valor da mercadoria como o mais ou o menos em que, sob dadas circunstâncias, ela é alienável. A possibilidade de uma incongruência quantitativa entre o preço e a grandeza de valor ou da divergência entre o preço e a grandeza de valor é, portanto, inerente à própria forma preço. Isso não é um defeito dessa forma, mas torna-a, ao contrário, a forma adequada a um modo de produção em que a regra somente pode impor-se como lei cega da média à falta de qualquer regra.

A forma preço, porém, não só admite a possibilidade de incongruência quantitativa entre grandeza de valor e preço, isto é, entre a grandeza de valor e sua própria expressão monetária, mas pode encerrar uma contradição qualitativa, de modo que o preço deixa de todo de ser expressão de valor, embora dinheiro seja apenas a forma valor das mercadorias. Coisas que, em si e para si, não são mercadorias, como por exemplo consciência, honra etc., podem ser postas à venda por dinheiro pelos seus possuidores e assim receber, por meio de seu preço, a forma mercadoria. Por isso, uma coisa pode, formalmente, ter um preço, sem ter um valor. A expressão de preço torna-se aqui imaginária, como certas grandezas da Matemática. Por outro lado, a forma imaginária de preço, como, por exemplo, o preço da terra não cultivada, que não tem valor, pois nela não está objetivado trabalho humano, pode encerrar uma relação real de valor ou uma relação derivada dela.

Como a forma relativa de valor em geral, o preço expressa o valor de uma mercadoria, por exemplo, de 1 tonelada de ferro, pelo fato de que certo *quantum* do equivalente, por exemplo, 1 onça de ouro, seja diretamente trocável por ferro, mas de modo algum o contrário, que o ferro, por sua parte, seja diretamente trocável por ouro. Portanto, para exercer praticamente a ação de valor de troca, a mercadoria tem de desfazer-se de seu corpo natural, transformar-se de ouro imaginário em ouro real, ainda que essa transubstanciação lhe seja mais "árdua" do que ao "conceito" hegeliano a transição da necessidade para a liberdade, ou a uma lagosta o romper de sua casca,

ou ao Padre da Igreja, São Jerônimo, o despojar-se do velho Adão.[156] Além de sua forma real, por exemplo, ferro, a mercadoria pode possuir, no preço, forma ideal de valor ou forma imaginária de ouro, mas ela não pode ser, ao mesmo tempo, realmente ferro e realmente ouro. Para dar-lhe um preço, basta equipará-la a ouro imaginário. A fim de prestar a seu possuidor o serviço de equivalente geral, ela tem de ser substituída por ouro. Se o possuidor do ferro confrontar-se com o possuidor de uma mercadoria mundana e o remeter ao preço do ferro, como forma de dinheiro, o mundano responderia como no céu, São Pedro ao Dante, que lhe recita a fórmula da fé:[157]

> "Assai bene è trascorsa
> D'esta moneta già la lega e'l peso,
> Ma dimmi se tu l'hai nella tua borsa."[158]

A forma preço implica a alienabilidade das mercadorias contra dinheiro e a necessidade dessa alienação. Por outro lado, ouro funciona somente como medida ideal de valor, porque já está circulando no processo de troca, como mercadoria monetária. Na medida ideal dos valores espreita, por isso, o dinheiro sonante.

2. Meio de circulação

a) A metamorfose das mercadorias

Viu-se que o processo de troca das mercadorias encerra relações contraditórias e mutuamente exclusivas. O desenvolvimento da mercadoria não suprime essas contradições, mas gera a forma dentro da qual elas podem mover-se. Esse é, em geral, o método com o qual contradições reais se resolvem. É uma contradição, por exemplo, que um corpo caia constantemente em outro e, com a mesma constância, fuja dele. A elipse é uma das formas de movimento em que essa contradição tanto se realiza como se resolve.

Na medida em que o processo de troca transfira mercadorias da mão em que elas são não-valores de uso para a mão em que elas são valores de uso, ele é metabolismo social. O produto de uma modalidade útil de trabalho substitui o da outra. Uma vez tendo alcançado o lugar

156 Se São Jerônimo, em sua juventude, teve de lutar muito contra a carne material, como o demonstra sua luta no deserto com as imagens de lindas mulheres, assim, na velhice, com a carne espiritual. "Eu acreditei", diz ele, "estar em espírito diante do juiz do mundo." "Quem és tu?", perguntou uma voz. "Eu sou um cristão." "Tu mentes", trovejou o juiz do mundo. "Tu és apenas um ciceroniano."*
* Marx cita aqui São Jerônimo, "Epístola a Eustóquio — sobre a conservação da virgindade". (N. da Ed. Alemã.)

157 DANTE. *A Divina Comédia*. "O Paraíso". Canto XXIV. (N. da Ed. Alemã.)

158 "Cuidadosamente examinados
Já estão a lei e o peso dessa moeda.
Mas, dize-me, tens dela em tua bolsa?" (N. dos T.)

em que serve de valor de uso, a mercadoria cai da esfera de intercâmbio das mercadorias na esfera do consumo. Apenas a primeira é que nos interessa aqui. Temos, por isso, de observar o processo inteiro segundo o aspecto formal, portanto somente a mudança de forma ou a metamorfose das mercadorias, a qual media o metabolismo social.

A interpretação inteiramente defeituosa dessa mudança de forma, deixando de lado a falta de clareza sobre o próprio conceito do valor, é devida à circunstância de que cada mudança de forma de uma mercadoria realiza-se na troca de duas mercadorias, uma mercadoria comum e a mercadoria monetária. Atendo-se somente a esse momento material, o intercâmbio de mercadoria por ouro, deixa-se de ver o que deve ser visto, isto é, o que ocorre com a forma. Não se percebe que o ouro, como simples mercadoria, não é dinheiro e que as outras mercadorias em seus preços se relacionam a si mesmas com ouro, como sua própria figura monetária.

A princípio, as mercadorias entram no processo de intercâmbio sem serem douradas, nem açucaradas, da forma que chegam ao mundo. Esse processo produz uma duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro, uma antítese externa, dentro da qual elas representam sua antítese imanente entre valor de uso e valor. Nessa antítese, as mercadorias confrontam-se, como valores de uso, com o dinheiro, como valor de troca. Por outro lado, ambos os lados da antítese são mercadorias, portanto, unidades de valor de uso e valor. Mas essa unidade de diferenças se representa inversamente em cada um dos dois pólos, e por isso representa, ao mesmo tempo, a correlação entre eles. A mercadoria é realmente valor de uso, a sua existência como valor aparece apenas idealmente no preço, que a relaciona com o ouro, situado no outro pólo, como sua figura real de valor. Ao contrário, o material ouro somente funciona como materialização do valor, dinheiro. Por isso, é realmente valor de troca. Seu valor de uso se apresenta apenas idealmente na série das expressões relativas de valor em que se relaciona com as mercadorias situadas de outro lado, como o círculo de suas figuras de uso reais. Essas formas antitéticas das mercadorias são os movimentos reais de seu processo de intercâmbio.

Acompanhemos agora um possuidor qualquer de mercadorias, por exemplo, nosso velho conhecido tecelão de linho, à cena do processo de intercâmbio, ao mercado. Sua mercadoria, 20 varas de linho, tem preço determinado. Seu preço é 2 libras esterlinas. Ele a troca por 2 libras esterlinas e, homem de velha cepa, troca as 2 libras esterlinas, por sua vez, por uma Bíblia familiar do mesmo preço. O linho, para ele apenas mercadoria, portador de valor, é alienado por ouro, sua figura de valor; e dessa figura volta a ser alienado por outra mercadoria, a Bíblia, que, porém, como objeto de uso, deve ir para a casa do tecelão e lá satisfazer às necessidades de edificação. O processo de intercâmbio da mercadoria opera-se, portanto, por meio de duas metamorfoses opos-

tas e reciprocamente complementares — transformação da mercadoria em dinheiro e sua retransformação de dinheiro em mercadoria.[159] Os momentos da metamorfose da mercadoria são, ao mesmo tempo, transações do possuidor de mercadoria — venda, intercâmbio da mercadoria por dinheiro; compra, intercâmbio do dinheiro por mercadoria e unidade de ambos os atos: vender, para comprar.

Contemplando agora o resultado final da transação, o tecelão de linho possui uma Bíblia, em vez de linho, em vez de sua mercadoria original outra do mesmo valor, mas de utilidade diferente. Do mesmo modo, ele se apropria de seus outros meios de subsistência e de produção. De seu ponto de vista, todo o processo somente media a troca de seu produto de trabalho por produto do trabalho alheio, o intercâmbio de produtos.

O processo de intercâmbio da mercadoria se completa, portanto, na seguinte mudança de forma:

Mercadoria — Dinheiro — Mercadoria

$$M - D - M$$

Segundo seu conteúdo material, o movimento é $M - M$, troca de mercadoria por mercadoria, metabolismo do trabalho social, em cujo resultado o próprio processo se extingue.

$M - D$. Primeira metamorfose da mercadoria ou venda. O salto do valor da mercadoria, do corpo da mercadoria para o corpo do ouro, é, como o designei em outro lugar, o salto mortal da mercadoria. Caso ele falhe, não é a mercadoria que é depenada, mas sim o possuidor dela. A divisão social do trabalho torna tão unilateral seu trabalho quanto multilaterais suas necessidades. Por isso mesmo, seu produto serve-lhe apenas de valor de troca. Mas ele somente obtém a forma equivalente geral, socialmente válida, como dinheiro e o dinheiro encontra-se em bolso alheio. Para tirá-lo de lá, a mercadoria tem de ser, sobretudo, valor de uso para o possuidor do dinheiro, que o trabalho despendido nela, portanto, tenha sido despendido em forma socialmente útil ou que se confirme como elo da divisão social do trabalho. Mas a divisão do trabalho é um organismo de produção que se desenvolveu naturalmente e cujos fios se teceram e continuam a tecer-se às costas dos produtores de mercadorias. Talvez a mercadoria seja produto de uma nova modalidade de trabalho, que pretende satisfazer a uma necessidade recentemente surgida ou que pretende ainda provocar por iniciativa própria uma necessidade. Função que era ainda ontem uma entre as muitas funções do mesmo produtor de mercadorias, uma operação particular se desprende hoje desse conjunto, torna-se autônoma

159 "Do (...) fogo, entretanto, provém tudo, disse Heráclito, e de tudo, fogo, como do ouro, os bens e dos bens, ouro." (LASSALLE, F. *Die Philosophie Herakleitos des Dunklen*. Berlim, 1858. Livro Primeiro. p. 222.) Nota de Lassalle a essa passagem, p. 224, nº 3, declara o dinheiro, incorretamente, como mero signo de valor.

e, por isso, envia seu produto parcial como mercadoria independente ao mercado. As circunstâncias podem estar maduras ou imaturas para esse processo de separação. O produto satisfaz hoje a uma necessidade social. Amanhã será, talvez, deslocado parcial ou totalmente, de seu lugar, por uma espécie semelhante de produto. Mesmo que o trabalho, como o de nosso tecelão de linho, seja um elo patenteado da divisão social de trabalho, não está com isso garantido, de modo algum, o valor de uso precisamente de suas 20 varas de linho. Se a necessidade social de linho, e ela tem sua medida como tudo mais, estiver saturada por tecelões rivais, o produto de nosso amigo torna-se excedente, supérfluo e com isso inútil. A cavalo dado não se olha o dente, mas ele não vai ao mercado para distribuir presentes. Suponhamos, porém, que o valor de uso de seu produto se confirme e o dinheiro seja portanto atraído pela mercadoria. Mas agora se pergunta: Quanto dinheiro? A resposta já está de certo modo antecipada no preço da mercadoria, no expoente de sua grandeza de valor. Deixamos de lado eventuais erros de cálculo puramente subjetivos do possuidor de mercadorias, que são logo corrigidos objetivamente no mercado. Supomos que tenha despendido em seu produto apenas a média socialmente necessária de tempo de trabalho. O preço da mercadoria é, portanto, apenas o nome monetário do *quantum* de trabalho social objetivado nela. Mas, sem pedir licença e às costas de nosso tecelão, as condições já há muito estabelecidas, de produção da tecelagem de linho, entraram em efervescência. O que ontem, sem dúvida, era tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de 1 vara de linho, hoje deixa de o ser, conforme o possuidor de dinheiro se empenhe em demonstrar com as cotações de preços de diversos competidores de nosso amigo. Para sua infelicidade, há muitos tecelões no mundo. Admitamos, finalmente, que cada peça de linho existente no mercado contenha apenas o tempo de trabalho socialmente necessário. Apesar disso, a soma total dessas peças pode conter tempo de trabalho supérfluo. Se o estômago do mercado não pode absorver o *quantum* total de linho, ao preço de 2 xelins por vara, isso comprova que foi despendida parte excessiva do tempo de trabalho social total em forma de tecelagem de linho. O efeito é o mesmo que se cada tecelão individual de linho tivesse utilizado em seu produto individual mais do que o tempo de trabalho socialmente necessário. Aqui vale o ditado: Presos juntos, juntos enforcados.[160] Todo o linho existente no mercado vale como um único artigo comercial, cada peça apenas como parte alíquota. E, de fato, o valor de cada vara individual é somente a materialização do mesmo *quantum*, socialmente determinado, de trabalho humano homogêneo.[161]

160 *Mitgefangen, mitgehangen*. Provérbio alemão. (N. dos T.)

161 Em carta de 28 de novembro de 1878, dirigida a N. F. Damelson, o tradutor de *O Capital* para o russo, Marx altera o último período nos seguintes termos: "De fato, o valor de cada vara individual não é senão a materialização de uma parte da quantidade de trabalho social gasta na quantidade total de varas". A mesma correção também se encontra no exemplar pessoal de Marx, na segunda edição alemã do volume I de *O Capital,* mas não anotada de próprio punho. (N. da Ed. Alemã.)

Como se vê, a mercadoria ama o dinheiro, mas *the course of true love never does run smooth*.[162] Tão naturalmente aleatória como a qualitativa é a articulação quantitativa do organismo social de produção, que representa seus *membra disjecta*[163] no sistema da divisão do trabalho. Nossos possuidores de mercadorias descobrem por isso que a mesma divisão de trabalho, que os torna produtores privados independentes, torna independentes deles mesmos o processo social de produção e suas relações dentro desse processo, e que a independência recíproca das pessoas se complementa num sistema de dependência reificada universal.

A divisão do trabalho transforma o produto do trabalho em mercadoria, tornando, com isso, necessária sua transformação em dinheiro. Ao mesmo tempo, ela torna aleatório o sucesso dessa transubstanciação. Mas temos de observar aqui o fenômeno em sua pureza, pressupondo assim seu transcurso normal. Quando, de resto, transcorre de todo, não sendo, portanto, a mercadoria invendável, realiza-se sempre sua mudança de forma, ainda que nessa mudança de forma substância — grandeza de valor — anormalmente possa haver prejuízo ou acréscimo.

A um dos possuidores de mercadoria o ouro substitui sua mercadoria e ao outro a mercadoria substitui seu ouro. O fenômeno evidente é a mudança de mãos ou de lugar de mercadoria e dinheiro, de 20 varas de linho e 2 libras esterlinas, isto é, seu intercâmbio. Mas por que coisa se troca a mercadoria? Por sua própria figura geral de valor. E por que coisa o ouro? Por uma figura particular de seu valor de uso. Por que o ouro defronta-se com o linho como dinheiro? Porque o seu preço, 2 libras esterlinas ou sua denominação monetária, já o refere ao ouro como dinheiro. A alienação de sua forma original de mercadoria se realiza pela alienação da mercadoria, isto é, no momento em que seu valor de uso atrai realmente o ouro que em seu preço era apenas imaginário. A realização do preço ou da forma valor meramente ideal da mercadoria é, por isso, simultânea e inversamente, a realização do valor de uso somente ideal do dinheiro; a transformação de mercadoria em dinheiro é, ao mesmo tempo, transformação de dinheiro em mercadoria. O processo uno é processo bilateral, do pólo do possuidor de mercadorias, venda, do pólo contrário, do possuidor de dinheiro, compra. Ou venda é compra, $M - D$ ao mesmo tempo $D - M$.[164] Não conhecemos, até agora, nenhuma outra relação econômica dos homens, além da de possuidores de mercadorias, uma relação em que eles somente

162 "O curso do verdadeiro amor nunca é suave." SHAKESPEARE. *A Midsummer Night's Dream*. Ato I. Cena I. (N. da Ed. Alemã.)

163 Membros dispersos. (N. dos T.)

164 "Toda venda é compra" (Dr. QUESNAY, "Dialogues sur le Commerce et les Travaux des Artisans." In: *Physiocrates*. Ed. Daire, I Partie, Paris, 1846, p. 170), ou como Quesnay, em suas *Maximes Générales, diz*: "Vender é comprar".*

* Esse citado de Quesnay encontra-se na obra de Dupont de Nemours, "Maximes du Docteur Quesnay, ou résumé de ses principes d'économie sociale". In: *Physiocrates (...) par Eugène Daire*. Parte Primeira. Paris, 1846. p. 392. (N. da Ed. Alemã.)

se apropriam do produto do trabalho alheio, alienando o próprio. Portanto, um possuidor de mercadorias apenas pode defrontar-se com o outro, como possuidor de dinheiro porque seu produto possui, por natureza, a forma monetária, portanto é monetário, ouro etc., ou porque a sua própria mercadoria já mudou de pele e desfez-se de sua forma de uso original. Para funcionar como dinheiro, o ouro evidentemente tem de entrar no mercado por algum ponto. Esse ponto se situa em sua fonte de produção, onde se troca como produto direto de trabalho por outro produto de trabalho do mesmo valor. Mas, a partir desse momento, representa constantemente preços realizados de mercadorias.[165] Exceto no momento da troca de ouro por mercadoria, em sua fonte de produção, o ouro é na mão de cada possuidor de mercadorias a figura alienada de sua mercadoria alienada, produto da venda ou da primeira metamorfose da mercadoria, $M - D$.[166] O ouro se tornou dinheiro ideal ou medida de valor porque todas as mercadorias medem nele seus valores e, assim, o faziam a contrapartida imaginária de sua figura de uso, a sua figura de valor. Torna-se dinheiro real porque as mercadorias, pela sua alienação universal, fazem dele sua figura de uso realmente alienada ou transformada e, por isso, sua figura real de valor. Em sua figura de valor, a mercadoria desfaz-se de qualquer vestígio de seu valor de uso natural e do trabalho útil particular ao qual deve sua origem, para se metamorfosear na materialização social uniforme de trabalho humano indistinto. Não se reconhece, portanto, no dinheiro, a espécie de mercadoria nele transformada. Em sua forma monetária, uma parece exatamente igual à outra. Dinheiro, por isso, pode ser lixo, embora lixo não seja dinheiro. Suporemos que as duas moedas de ouro pelas quais o nosso tecelão de linho aliena sua mercadoria sejam a figura transformada de 1 *quarter* de trigo. A venda do linho, $M - D$, é, ao mesmo tempo, sua compra, $D - M$. Mas, como venda do linho, inicia esse processo um movimento que termina com sua contrapartida, com a compra da Bíblia; como compra do linho ele termina um movimento que começou com seu contrário, com a venda do trigo. $M - D$ (linho — dinheiro), essa primeira fase de $M - D - M$ (linho — dinheiro — Bíblia), é, ao mesmo tempo, $D - M$ (dinheiro — linho), a última fase de outro movimento $M - D - M$ (trigo — dinheiro — linho). A primeira metamorfose de uma mercadoria, sua transformação da forma mercadoria em dinheiro, é sempre, simultaneamente, a segunda metamorfose inversa de outra mercadoria, sua retransformação da forma dinheiro em mercadoria.[167]

165 "O preço de uma mercadoria pode apenas ser pago com o preço de outra mercadoria." (RIVIÈRE, Mercier de la. "L'Ordre Naturel et Essentiel des Sociétés Politiques." In: *Physiocrates*. Ed. Daire, Parte Segunda. p. 554.)

166 "Para ter esse dinheiro, é preciso ter vendido." (*Op. cit.*, p. 543.)

167 Constitui exceção, como já foi observado anteriormente, o produtor de ouro (ou prata), que intercambia seu produto sem o ter vendido antes.

D — M. Metamorfose segunda ou final da mercadoria: compra. Por ser a figura alienada de todas as outras mercadorias ou o produto da sua alienação geral, é o dinheiro a mercadoria absolutamente alienável. Ele lê todos os preços ao revés e se reflete, assim, em todos os corpos das mercadorias como o material ofertado à sua própria conversão em mercadoria. Ao mesmo tempo, os preços, os olhos amorosos com que as mercadorias piscam ao dinheiro, mostram o limite de sua capacidade de transformação, isto é, sua própria quantidade. Como a mercadoria desaparece ao converter-se em dinheiro, não se reconhece no dinheiro como chegou às mãos de seu possuidor ou o que transformou-se nele. *Non olet*,[168] qualquer que seja sua origem. Se por um lado representa mercadoria vendida, por outro representa mercadorias compráveis.[169]

D — M, a compra, é ao mesmo tempo venda, *M — D*; a última metamorfose de uma mercadoria é, por isso, simultaneamente, a primeira metamorfose de outra mercadoria. Para nosso tecelão de linho, o curso da vida de sua mercadoria acaba com a Bíblia, em que ele reconverteu as 2 libras esterlinas. Mas o vendedor da Bíblia converte as 2 libras esterlinas ganhadas do tecelão de linho em aguardente. D — M, a fase final de *M — D — M* (linho — dinheiro — Bíblia), é, ao mesmo tempo, *M — D*, a primeira fase de *M — D — M* (Bíblia — dinheiro — aguardente). Como produtor de mercadorias fornece apenas um produto unilateral, ele o vende freqüentemente em grandes quantidades, enquanto suas necessidades multilaterais o obrigam a fragmentar constantemente o preço realizado ou a soma de dinheiro recebida em numerosas compras. Uma venda desemboca, por isso, em muitas compras de várias mercadorias. A metamorfose final de uma mercadoria constitui, assim, uma soma de primeiras metamorfoses de outras mercadorias.

Observando, agora, a metamorfose total de uma mercadoria, por exemplo, do linho, vemos, em primeiro lugar, que consiste em dois movimentos que se opõem e se completam, *M — D* e *D — M*. Essas duas transformações contrapostas da mercadoria operam em dois processos sociais contrapostos do possuidor de mercadorias e se refletem em dois caracteres econômicos contrapostos do mesmo. Como agente da venda ele se torna vendedor, como agente da compra, comprador. Mas, como em cada transformação da mercadoria existem, ao mesmo tempo, as duas formas dela, forma mercadoria e forma dinheiro, apenas em pólos contrapostos, assim o mesmo possuidor de mercadorias como vendedor se defronta com outro comprador e como comprador com outro

168 "Não fede", disse o imperador romano Vespasiano (69-79) sobre o dinheiro quando seu filho o repreendeu por lançar impostos sobre as retretas públicas. (N. da Ed. Alemã.)

169 "Se o dinheiro em nossas mãos representa as coisas que podemos desejar comprar, representa também as coisas que vendemos por esse dinheiro." (RIVIÈRE, Mercier de la. *Op. cit*., p. 586.)

vendedor. Como a mesma mercadoria percorre as duas transformações inversas sucessivamente — de mercadoria se torna dinheiro e de dinheiro mercadoria — assim o mesmo possuidor de mercadorias troca os papéis de vendedor e comprador. Esses não são, portanto, caracteres fixos, mas que mudam constantemente de pessoa dentro da circulação de mercadorias.

A metamorfose global de uma mercadoria implica, em sua forma mais simples, quatro extremos e três *personae dramatis*.[170] Primeiro, o dinheiro defronta-se à mercadoria como sua figura de valor, que no outro lado, no bolso alheio, possui realidade reificadamente contundente. Assim, ao possuidor de mercadorias se defronta um possuidor de dinheiro. Tão logo a mercadoria se transforma em dinheiro, torna-se este último a forma equivalente transitória dela, cujo valor ou conteúdo de uso existe desse lado, nos corpos das outras mercadorias. Como ponto final de primeira transformação da mercadoria, o dinheiro é ao mesmo tempo ponto de partida da segunda. Assim, o vendedor do primeiro ato torna-se comprador, no segundo, onde com ele se defronta um terceiro possuidor de mercadorias, como vendedor.[171]

As duas fases inversas da metamorfose das mercadorias formam um ciclo: forma mercadoria, abandono da forma mercadoria, volta à forma mercadoria. Aqui, no entanto, a própria mercadoria é determinada antiteticamente. Ela é não-valor de uso no ponto de partida, valor de uso no ponto final para seu possuidor. Assim, o dinheiro aparece, primeiro, como sólido cristal de valor, no qual a mercadoria se transforma, para diluir-se depois como simples forma equivalente dela.

As duas metamorfoses que formam o ciclo de uma mercadoria constituem, ao mesmo tempo, as metamorfoses parciais inversas de duas outras mercadorias. A mesma mercadoria (linho) inicia a série de suas próprias metamorfoses e termina a metamorfose total de outra mercadoria (trigo). Durante sua primeira transformação, a venda, ela desempenha esses dois papéis em pessoa. Como crisálida de ouro, ao contrário, forma em que ela cumpre o destino de toda a carne, ela completa, ao mesmo tempo, a primeira metamorfose de uma terceira mercadoria. O ciclo descrito pela série de metamorfoses de cada mercadoria entrelaça-se portanto, inextricavelmente, com os ciclos de outras mercadorias. O processo em seu conjunto apresenta-se como circulação de mercadorias.

A circulação de mercadorias distingue-se não só formalmente, mas também essencialmente, do intercâmbio direto de produtos. Basta lançar um olhar retrospectivo ao percurso. O tecelão de linho trocou, sem dúvida, linho por Bíblia, mercadoria própria por alheia. Mas esse

170 Pessoas atuantes. (N. dos T.)

171 "Existem, portanto, quatro pontos finais e três contratantes, dos quais um intervém duas vezes." (LE TROSNE. *Op. cit.*, p. 909.)

fenômeno é verdadeiro somente para ele. O vendedor de Bíblias, que prefere o calor ao frio, não pensou trocar a Bíblia por linho, assim como o tecelão de linho não sabe que seu linho foi trocado por trigo etc. A mercadoria de *B* substitui a mercadoria de *A*, mas *A* e *B* não trocam suas mercadorias reciprocamente. Pode, de fato, ocorrer que *A* e *B* comprem reciprocamente um do outro, mas tal relação particular não é condicionada, de modo algum, pelas relações gerais da circulação de mercadorias. Por um lado, vê-se aqui como o intercâmbio de mercadorias rompe as limitações individuais e locais do intercâmbio direto de produtos e desenvolve o metabolismo do trabalho humano. Por outro lado, desenvolve-se todo um círculo de vínculos naturais de caráter social, incontroláveis pelas pessoas atuantes. O tecelão somente pode vender linho porque o camponês já vendeu trigo, o cabeça quente apenas pode vender a Bíblia porque o tecelão já vendeu linho, o destilador só pode vender aguardente porque o outro já vendeu a água da vida eterna etc.

Por isso, o processo de circulação não se extingue, como o intercâmbio direto de produtos, ao mudarem de lugar ou de mãos os valores de uso. O dinheiro não desaparece, ao sair, finalmente, da série de metamorfose de uma mercadoria. Ele sempre se deposita em algum ponto de circulação abandonado pelas mercadorias. Por exemplo, na metamorfose total do linho: linho — dinheiro — Bíblia, primeiro sai o linho da circulação e o dinheiro ocupa seu lugar, depois sai a Bíblia e o dinheiro toma seu lugar. A substituição de mercadoria por mercadoria deixa, ao mesmo tempo, a mercadoria monetária nas mãos de um terceiro.[172] A circulação exsuda, constantemente, dinheiro.

Nada pode ser mais ridículo que o dogma de que a circulação de mercadorias condiciona um equilíbrio necessário entre as vendas e compras, porque cada venda é compra e vice-versa. Se isso significa que o número das vendas efetivamente realizadas é igual ao mesmo número de compras é uma trivial tautologia. Mas a intenção é provar que o vendedor conduz seu próprio comprador ao mercado. Venda e compra são um ato idêntico, ao constituir uma relação recíproca entre duas pessoas polarmente contrapostas, o possuidor de mercadoria e o possuidor de dinheiro. Enquanto ações da mesma pessoa, elas formam dois atos polarmente contrapostos. A identidade de venda e compra implica, portanto, que se torna inútil a mercadoria que, jogada na retorta alquimista da circulação, não sai como dinheiro, não sendo vendida pelo possuidor de mercadoria, portanto tampouco comprada pelo possuidor de dinheiro. Aquela identidade compreende, além disso, que o processo, no caso de realizar-se, constitui um ponto de repouso, uma fase da vida da mercadoria, que pode durar mais ou menos tempo.

172 Nota à 2ª edição. Apesar desse fenômeno ser tão evidente, não é notado pelos economistas políticos, na maioria das vezes, nomeadamente pelo livre-cambista *vulgaris*.

Como a primeira metamorfose da mercadoria é, ao mesmo tempo, venda e compra, esse processo parcial é, simultaneamente, um processo autônomo. O comprador tem a mercadoria, o vendedor o dinheiro, isto é, uma mercadoria que conserva uma forma apta para a circulação, quer apareça mais cedo ou mais tarde de novo no mercado. Ninguém pode vender, sem que outro compre. Mas ninguém precisa comprar imediatamente apenas por ter vendido. A circulação rompe as limitações temporais, locais e individuais do intercâmbio de produtos precisamente porque parte a identidade imediata que existe aqui entre a alienação do próprio produto de trabalho e a aquisição do alheio, na antítese entre venda e compra. Que os processos, que se confrontam autonomamente, formem uma unidade interna, significa por outro lado que a sua unidade interna se move em antíteses externas. Se a autonomização externa dos internamente não-autônomos por serem mutuamente complementares se prolonga até certo ponto, a unidade se faz valer de forma violenta, por meio de uma — crise. A antítese, imanente à mercadoria, entre valor de uso e valor, de trabalho privado, que ao mesmo tempo tem de representar-se como trabalho diretamente social, de trabalho concreto particular, que ao mesmo tempo funciona apenas como trabalho geral abstrato, de personificação da coisa e reificação das pessoas — essa contradição imanente assume nas antíteses da metamorfose das mercadorias suas formas desenvolvidas de movimentos. Essas formas encerram, por isso, a possibilidade, e somente a possibilidade, das crises. O desenvolvimento dessa possibilidade até que se realize exige todo um conjunto de condições que do ponto de vista da circulação simples de mercadorias, ainda não existem, de modo algum.[173]

Como mediador da circulação das mercadorias, o dinheiro assume a função do meio circulante.

b) O curso do dinheiro

A mudança de forma, por meio da qual o metabolismo dos produtos do trabalho se realiza, $M - D - M$, exige que o mesmo valor, como mercadoria, forme o ponto de partida do processo e retorne ao

173 Compare minhas observações sobre James Mill, *Zur Kritik* etc. p. 74-76. Dois pontos aqui são característicos para o método da apologia economística. Primeiro, a identificação de circulação das mercadorias e a troca direta dos produtos por meio da simples abstração de suas diferenças. Segundo, a tentativa de escamotear as contradições do processo de produção capitalista ao dissolver as relações de seus agentes de produção nas relações simples que se originam da circulação de mercadorias. Produção de mercadorias e circulação de mercadorias são, porém, fenômenos que pertencem aos mais diferentes modos de produção, embora com extensão e alcance diferentes. Não se sabe, portanto, ainda nada sobre a *differentia specifica*[*] desses modos de produção e não se pode, assim, julgá-los, quando apenas as categorias abstratas da circulação de mercadorias que lhes são comuns são conhecidas. Em nenhuma outra ciência, além da Economia Política, predomina tanta pretensão fundada em vulgaridades elementares. Por exemplo, J.-B. Say se arroga julgar as crises porque ele sabe que a mercadoria é produto.

[*] Diferença específica. (N. dos T.)

mesmo ponto como mercadoria. Esse movimento das mercadorias é, portanto, um ciclo. Por outro lado, essa mesma forma exclui o ciclo do dinheiro. Seu resultado é o distanciamento constante do dinheiro de seu ponto de partida e não o retorno a esse mesmo ponto. Enquanto o vendedor mantiver consigo a figura transformada de sua mercadoria, o dinheiro, a mercadoria encontra-se na fase da primeira metamorfose ou apenas percorreu a primeira metade de sua circulação. Se o processo, vender para comprar, estiver completado, então também o dinheiro estará outra vez afastado das mãos de seu proprietário original. Se, entretanto, o tecelão de linho, depois que comprou a Bíblia, vender novamente linho, o dinheiro também retornará às suas mãos. Porém, ele não retorna por meio da circulação das primeiras 20 varas de linho, por meio da qual antes afastou-se das mãos do tecelão para as mãos do vendedor de Bíblias. Ele retorna apenas pela renovação ou repetição do mesmo processo de circulação para nova mercadoria e termina tanto aqui como lá com o mesmo resultado. Essa forma de movimento diretamente conferida ao dinheiro pela circulação das mercadorias é, portanto, seu afastamento constante do ponto de partida, seu percurso das mãos de um possuidor de mercadoria para as de outro ou seu curso (*currency, cours de la monnaie*).

O curso do dinheiro mostra uma constante, monótona repetição do mesmo processo. A mercadoria permanece sempre ao lado do vendedor, o dinheiro sempre ao lado do comprador, como meio de compra. Ele funciona como meio de compra ao realizar o preço da mercadoria. Enquanto ele o realiza, transfere a mercadoria das mãos do vendedor para as do comprador, ao passo que ele, ao mesmo tempo, se afasta das mãos do comprador para as do vendedor, para repetir o mesmo processo com outra mercadoria. Que essa forma unilateral do movimento do dinheiro nasça do movimento de forma bilateral das mercadorias é ocultado. A natureza da própria circulação das mercadorias produz uma aparência contrária. A primeira metamorfose da mercadoria é visível não apenas como movimento do dinheiro, mas também como seu próprio movimento, porém sua segunda metamorfose é apenas visível como movimento do dinheiro. Na primeira metade de sua circulação, a mercadoria troca de lugar com o dinheiro. E com isso, sua forma de uso sai da circulação e entra para o consumo.[174] Sua figura de valor ou larva do dinheiro coloca-se em seu lugar. A segunda metade de sua circulação, ela percorre não mais em sua própria pele natural, mas sim em sua pele de ouro. A continuidade do movimento fica, com isso, totalmente ao lado do dinheiro, e o mesmo movimento, que para a mercadoria encerra dois processos contrapostos, encerra como movi-

174 Mesmo se a mercadoria é vendida repetidas vezes, um fenômeno que não existe ainda aqui para nós, ela sai com a última venda definitiva da esfera de circulação para a de consumo, para servir aqui de meio de subsistência ou de meio de produção.

mento próprio do dinheiro sempre o mesmo processo, sua troca de posição, cada vez com outra mercadoria. O resultado da circulação, substituição de uma mercadoria por outra mercadoria, aparece portanto intermediado não pela própria mudança de forma, porém pela função do dinheiro como meio circulante, o qual circula as mercadorias em si mesmas inertes, transferindo-as das mãos nas quais elas são não-valores de uso para as mãos nas quais elas são valores de uso, sempre em direção contrária ao seu próprio curso. O dinheiro afasta as mercadorias constantemente da esfera de circulação, ao colocar-se continuamente em seus lugares na circulação e, com isso, distanciando-se de seu próprio ponto de partida. Embora o movimento do dinheiro seja portanto apenas a expressão da circulação de mercadorias, a circulação de mercadorias aparece, ao contrário, apenas como resultado do movimento do dinheiro.[175]

Por outro lado, cabe ao dinheiro a função de meio circulante somente porque é ele o valor autonomizado das mercadorias. Por isso, seu movimento como meio circulante é, de fato, apenas o próprio movimento da forma delas. Este deve, portanto, refletir-se também sensivelmente no curso do dinheiro. Assim, por exemplo, o linho transforma, primeiro, sua forma de mercadoria em sua forma de dinheiro. O último extremo de sua primeira metamorfose $M - D$, a forma dinheiro, torna-se então o primeiro extremo de sua última metamorfose, $D - M$, sua reconversão à Bíblia. Cada uma, porém, dessas duas mudanças de forma realiza-se mediante uma troca entre mercadoria e dinheiro, mediante mudança recíproca de suas posições. As mesmas moedas chegam às mãos do vendedor como figura alienada da mercadoria e as deixam como figura absolutamente alienável da mercadoria. Elas mudam duas vezes de posição. A primeira metamorfose do linho traz essas moedas para o bolso do tecelão, a segunda leva-as, de novo, para fora. Ambas as mudanças opostas de forma da mesma mercadoria refletem-se, assim, na dupla mudança de posição do dinheiro, em direções opostas.

Se, no entanto, só têm lugar metamorfoses unilaterais de mercadorias, meras compras ou meras vendas, como se queira, o mesmo dinheiro também só muda uma vez de lugar. Sua segunda mudança de posição expressa sempre a segunda metamorfose da mercadoria, sua reconversão em dinheiro. Na repetição freqüente da troca de posição das mesmas moedas reflete-se não somente a série de metamorfoses de uma única mercadoria, mas também o entrelaçamento das inumeráveis metamorfoses do mundo das mercadorias, em geral. É facilmente compreensível que tudo isso é válido apenas para a forma simples da circulação de mercadorias, aqui considerada.

Cada mercadoria, ao dar seu primeiro passo na circulação, à sua

175 "Ele" (o dinheiro) "não tem nenhum outro movimento além daquele que lhe é dado por meio dos produtos." (LE TROSNE. *Op. cit.*, p. 885.)

primeira mudança de forma, cai fora da circulação, na qual sempre entra nova mercadoria. O dinheiro, ao contrário, como meio circulante, mora constantemente na esfera da circulação e movimenta-se continuamente nela. Surge portanto a pergunta, quanto dinheiro essa esfera continuamente absorve.

Num país, ocorrem todos os dias, simultaneamente e portanto correndo paralelamente no espaço, numerosas metamorfoses unilaterais de mercadorias, ou, em outras palavras, meras vendas por um lado, meras compras por outro. Em seus preços as mercadorias já estão equiparadas a determinadas quantidades imaginárias de dinheiro. Como a forma direta de circulação, aqui considerada, sempre confronta entre si mercadoria e dinheiro, de forma tangível, uma no pólo da venda, o outro no pólo oposto da compra, o volume de meio circulante requerido para o processo de circulação do mundo das mercadorias já está determinado pela soma dos preços das mercadorias. De fato, o dinheiro representa apenas de modo real a soma de ouro já expressa idealmente na soma dos preços das mercadorias. A igualdade dessas somas entende-se, portanto, por si mesma. Sabemos, entretanto, que, permanecendo iguais os valores das mercadorias, seus preços variam com o valor do próprio ouro (do material monetário), proporcionalmente subindo, quando ele cai, e caindo quando ele sobe. Conforme a soma dos preços das mercadorias assim subir ou cair, deve o volume do dinheiro circulante subir ou cair na mesma medida. A mudança no volume do meio circulante origina-se aqui, na verdade, do próprio dinheiro, porém não de sua função como meio circulante, mas sim de sua função como medida de valor. O preço das mercadorias muda, primeiro, inversamente ao valor do dinheiro, e depois muda o volume do meio circulante diretamente com o preço das mercadorias. Sucederia o mesmo fenômeno, por exemplo, se não caísse o valor do ouro, mas que a prata o substituísse como medida de valor ou se não subisse o valor da prata, mas que o ouro a deslocasse da função de medida de valor. Em um caso deveria circular mais prata que anteriormente ouro, no outro menos ouro que anteriormente prata. Em ambos os casos teria mudado o valor do material monetário, isto é, da mercadoria que funciona como medida dos valores e, por conseguinte, a expressão em preço dos valores das mercadorias e, por isso, o volume do dinheiro circulante, que serve à realização desses preços. Viu-se que a esfera de circulação das mercadorias tem um buraco através do qual o ouro (prata, em suma, o material monetário) nela penetra como mercadoria de dado valor. Esse valor está pressuposto na função do dinheiro como medida de valor, portanto, na determinação de preços. Se, então, por exemplo, o valor da própria medida de valor cai, isso aparece primeiro na mudança de preço daquelas mercadorias, que são trocadas diretamente, nas fontes da produção dos metais nobres pelos mesmos enquanto mercadorias. Especialmente em estágios menos desenvolvidos

da sociedade burguesa, grande parte das demais mercadorias continua durante longo tempo a ser avaliada pelo valor ultrapassado e agora ilusório da medida de valor. Entretanto, uma mercadoria contagia a outra por meio de sua relação de valor à mesma, os preços em ouro ou em prata das mercadorias se ajustam, progressivamente, às proporções determinadas pelos seus valores mesmos, até que por fim todos os valores das mercadorias são fixados de acordo com o novo valor do metal monetário. Esse processo de ajustamento é acompanhado pelo aumento contínuo dos metais preciosos, os quais afluem em substituição às mercadorias diretamente intercambiadas por eles. Na mesma medida, portanto, em que a fixação ajustada dos preços das mercadorias se generaliza, ou em que seus valores são fixados segundo o novo valor reduzido e até certo ponto continuando a se reduzir, do metal, já está disponível uma massa adicional necessária à sua realização. Uma observação unilateral dos fatos conseqüentes à descoberta das novas fontes de ouro e de prata induziu, no século XVII e notadamente, no século XVIII, à conclusão errônea de que os preços das mercadorias ter-se-iam elevado porque mais ouro e prata funcionaram como meio circulante. No que segue, o valor do ouro é pressuposto como dado, como ele, de fato, no momento da fixação dos preços, é dado.

Sob esse pressuposto, portanto, o volume do meio circulante é determinado pela soma dos preços das mercadorias a ser realizada. Consideremos, além disso, o preço de cada espécie de mercadoria como dado; então a soma dos preços das mercadorias depende evidentemente da massa de mercadorias em circulação. Não se necessita quebrar a cabeça para entender que, se 1 *quarter* de trigo custa 2 libras esterlinas, 100 *quarters* custam 200 libras esterlinas, 200 *quarters*, 400 libras esterlinas etc.; com a massa de trigo deve, portanto, crescer a massa do dinheiro que, na realização da venda, troca de lugar com ele.

Pressuposto o volume de mercadorias como dado, a massa do dinheiro circulante oscila para cima e para baixo com as flutuações de preços das mercadorias. Ele sobe e cai, porque a soma dos preços das mercadorias, em conseqüência da mudança dos preços das mesmas, cresce ou diminui. Para isso, não é, de nenhuma forma, necessário que os preços de todas as mercadorias subam ou caiam, ao mesmo tempo. O aumento de preços de certo número de artigos líderes, em um caso, ou a queda de seus preços, em outro, basta para que a soma de preços a ser realizada de todas as mercadorias em circulação aumente ou diminua, e portanto para colocar mais ou menos dinheiro em circulação. Quer a mudança de preços das mercadorias reflita reais mudanças de valores ou meras oscilações dos preços de mercado, o efeito sobre o volume do meio circulante permanece o mesmo.

Seja dado certo número de vendas ou metamorfoses parciais não relacionadas, simultâneas e, portanto, espacialmente paralelas, como, por exemplo, de 1 *quarter* de trigo, 20 varas de linho, 1 Bíblia, 4 galões

de aguardente. Se o preço de cada artigo for de 2 libras esterlinas, e a soma de preços a realizar for, por isso, de 8 libras esterlinas, deve entrar na circulação um volume de dinheiro de 8 libras esterlinas. Mas se, ao contrário, as mesmas mercadorias formam os elos de nossa já conhecida cadeia de metamorfoses: 1 *quarter* de trigo — 2 libras esterlinas — 20 varas de linho — 2 libras esterlinas — 1 Bíblia — 2 libras esterlinas — 4 galões de aguardente — 2 libras esterlinas, as 2 libras esterlinas terão feito circular as diversas mercadorias, em série, realizando sucessivamente seus preços e, por conseguinte a soma deles, de 8 libras esterlinas, para finalmente repousar nas mãos do destilador. Eles executam quatro cursos. Essa repetida mudança de posição das mesmas moedas representa a dupla mudança de forma da mercadoria, seu movimento através de dois estágios opostos da circulação e o entrelaçamento das metamorfoses de mercadorias diferentes.[176] As fases opostas e mutuamente complementares, percorridas por esse processo, não podem ocorrer paralelamente no espaço, mas apenas sucessivamente no tempo. Períodos formam, assim, a medida de sua duração, ou o número de cursos das mesmas moedas, em dado tempo, mede a velocidade do curso do dinheiro. Que o processo de circulação daquelas quatro mercadorias dure, por exemplo, um dia. Assim, a soma de preços a realizar importa em 8 libras esterlinas, o número de cursos das mesmas moedas, durante o dia: 4, e o volume de dinheiro circulante, 2 libras esterlinas ou, para dado período de tempo do processo de circulação:

$$\frac{\text{Soma dos preços das mercadorias}}{\text{Número de cursos das peças monetárias da mesma denominação}} = \text{Volume do dinheiro funcionando como meio circulante}$$

Essa lei vale em geral. O processo de circulação em um país, em dado período, compreende na verdade, por um lado, muitas vendas (compras) ou metamorfoses parciais dispersas, simultâneas e espacialmente paralelas, nas quais as mesmas moedas apenas uma vez mudam de posição ou realizam apenas um só curso. Por outro lado, há muitas cadeias de metamorfoses, com maior ou menor número de elos, que em parte correm paralelas, em parte entrelaçam-se e nas quais as mesmas peças monetárias percorrem cursos mais ou menos numerosos. Do número total de cursos de todas as peças monetárias que se encontram em circulação, com a mesma denominação, resulta, contudo,

176 "São os produtos que o põem" (o dinheiro) "em movimento e o fazem circular. (...) Por meio da velocidade de seu" (isto é, do dinheiro) "movimento é complementada sua quantidade. Se necessário, desliza apenas de uma mão à outra, sem deter-se um momento." (LE TROSNE. *Op. cit.*, p. 915-916.)

o número médio de cursos da peça monetária individual ou a velocidade média do giro monetário. O volume de dinheiro, que, por exemplo, no começo do processo de circulação é jogado nele, é naturalmente determinado pela soma dos preços das mercadorias que circulam simultânea e paralelamente no espaço. Porém, internamente ao processo, uma peça monetária, por assim dizer, é tornada responsável pela outra. Acelera uma a velocidade de seu curso, a outra a desacelera, ou ela cai inteiramente fora da esfera de circulação, pois esta pode apenas absorver uma massa de ouro, a qual, multiplicada pelo número médio de cursos de seu elemento individual, é igual à soma dos preços a ser realizada. Se, por conseguinte, o número de cursos das peças monetárias cresce, diminui o seu volume circulante. Decresce o número de seus cursos, cresce o seu volume. Como o volume de dinheiro, que pode funcionar como meio circulante, é dado a determinada velocidade média, tem-se, por exemplo, apenas de jogar na circulação determinada quantidade de notas de 1 libra, para expulsar outros tantos *sovereigns*, proeza muito bem conhecida de todos os bancos.

Como no curso do dinheiro, em geral, só aparece o processo de circulação das mercadorias, isto é, seu ciclo através de metamorfoses opostas, assim na velocidade do giro monetário aparece a velocidade de sua mudança de forma, o contínuo entrelaçamento das séries de metamorfoses, a pressa do metabolismo, o rápido desaparecimento das mercadorias da esfera de circulação e sua substituição, igualmente rápida, por novas mercadorias. Na velocidade de circulação do dinheiro aparece assim a unidade fluida das fases opostas e complementares, transformação da figura de uso em figura de valor e retransformação de sua figura de valor em figura de uso, ou de ambos os processos de venda e compra. Inversamente, na desaceleração do curso do dinheiro aparece o fato de esses processos se dissociarem e se tornarem antagonicamente autônomos, a paralisia da mudança de forma, e por conseguinte do metabolismo. A própria circulação, naturalmente, não nos deixa ver de onde provém essa estagnação. Ela nos mostra apenas o próprio fenômeno. A interpretação popular, que vê, com um giro monetário mais lento, o dinheiro aparecer ou desaparecer menos freqüentemente em todos os pontos da periferia da circulação, tende a atribuir esse fenômeno à quantidade insuficiente do meio circulante.[177]

177 "Como o dinheiro (...) representa a medida comum para a compra e venda, qualquer um que tenha algo para vender, mas não encontra comprador, está imediatamente propenso a pensar que a culpa de suas mercadorias não encontrarem saída seria da falta de dinheiro no *kingdom** ou no país; daí a gritaria por toda parte contra a falta de dinheiro, o que, entretanto, é um grande erro. (...) De que precisam essas pessoas que gritam por dinheiro? (...) O arrendatário queixa-se, (...) ele pensa, se houvesse mais dinheiro no país, poderia obter um preço para seus bens. (...) Então, parece que falta-lhe não dinheiro, porém um preço para seu grão e gado que ele gostaria de vender, mas não pode. (...) Por que ele não pode conseguir preço? (...) 1) Ou há trigo e gado demais no país e a maioria dos que vão ao mercado tem, como ele, necessidade de vender, e poucos de comprar; ou 2) a saída

A quantidade global do dinheiro funcionando como meio circulante, em cada período, é assim determinada, por um lado, pela soma de preços do mundo das mercadorias circulantes, por outro, pelo fluxo mais lento ou mais rápido de seus processos antitéticos de circulação, do qual depende que fração dessa soma de preços pode ser realizada por intermédio das mesmas peças monetárias. A soma de preços das mercadorias depende, porém, tanto do volume como dos preços de cada espécie de mercadoria. Os três fatores: o movimento dos preços, o volume de mercadorias circulantes e, finalmente, a velocidade de circulação do dinheiro podem no entanto mudar em direções e proporções diferentes, de modo que a soma de preços a realizar e, por conseguinte, o volume do meio circulante por ela determinado podem, portanto, passar por numerosas combinações. Nós enumeramos aqui apenas as mais importantes na história dos preços das mercadorias.

Permanecendo constantes os preços das mercadorias, pode crescer o volume do meio circulante, porque aumenta a massa da mercadoria em circulação ou porque diminui a velocidade de circulação do dinheiro ou porque ambos ocorrem conjuntamente. Ao contrário, o volume do meio circulante pode diminuir ao diminuir a massa de mercadorias ou ao aumentar a velocidade de circulação.

Subindo, em geral, os preços das mercadorias, o volume do meio circulante pode permanecer constante, se a massa das mercadorias em circulação diminuir na mesma proporção em que seu preço aumenta ou se a velocidade de circulação do dinheiro aumentar tão rapidamente quanto a subida dos preços, enquanto a massa de mercadorias em circulação permanecer constante. O volume do meio circulante pode diminuir, porque a massa de mercadorias decresce mais rapidamente ou a velocidade de giro cresce mais rapidamente que os preços.

Caindo, em geral, os preços das mercadorias, o volume do meio circulante pode permanecer constante se a massa de mercadorias crescer na mesma proporção em que seu preço estiver caindo ou se a ve-

habitual, por meio de exportação, paralisa-se (...) ou 3) o consumo reduz-se, quando, por exemplo, as pessoas, em conseqüência da pobreza, já não despendem tanto para a manutenção doméstica como antes. Por isso, não é o aumento do dinheiro, puro e simples, que repercutiria favoravelmente sobre os bens do arrendatário, mas sim a eliminação de uma dessas três causas que realmente deprimem o mercado. (...) Comerciante e merceeiro necessitam igualmente de dinheiro, isto é, como os mercados param, falta-lhes a saída para os bens, com os quais negociam. (...) Uma nação nunca prospera mais do que quando as riquezas passam rapidamente de mão em mão." (NORTH, Sir Dudley. *Discourses upon Trade*. Londres, 1691, p. 11-15, *passim*.) Todos os embustes de Herrenschwand se resumem na idéia de que as contradições que se originam da natureza da mercadoria e, portanto, aparecem na circulação mercantil, podem ser suprimidas mediante aumento do meio circulante. Da ilusão popular que atribui a paralisação dos processos de produção e circulação a uma falta de meio circulante, não segue, de modo algum, o oposto, ou seja, que a falta real de meio circulante, por exemplo, em conseqüência de trapalhadas oficiais com a *regulation of currency*,** não possa, por seu lado, provocar paralisações.

* Reino. (N. dos T.)

** Regulação do curso monetário. (N. dos T.)

locidade de circulação do dinheiro diminuir na mesma proporção que os preços. Ela pode crescer se a massa de mercadorias crescer mais rápido ou a velocidade de circulação diminuir mais rapidamente do que os preços das mercadorias estiverem caindo.

As variações dos diferentes fatores podem compensar-se reciprocamente, de tal forma que, a despeito de sua contínua instabilidade, a soma total dos preços das mercadorias a realizar permanece constante e, por conseqüência, também o volume de dinheiro circulante. Encontra-se por isso, sobretudo ao observar períodos mais longos, um nível médio muito mais constante do volume de dinheiro circulante em cada país assim como — com exceção de fortes perturbações que se originam periodicamente das crises da produção e do comércio, mais raramente de uma mudança do próprio valor do dinheiro — desvios muito menores desse nível médio, do que à primeira vista seria de se esperar.

A lei, segundo a qual a quantidade do meio circulante é determinada pela soma de preços das mercadorias em circulação e pela velocidade média de circulação do dinheiro,[178] pode também ser expressa assim: dadas a soma de valores das mercadorias e a velocidade média de suas metamorfoses, a quantidade do dinheiro ou do material monetário em circulação depende de seu próprio valor. A ilusão de que, ao contrário, os preços das mercadorias são determinados pelo volume do meio circulante e o último, por seu lado, pelo volume do material monetário existente em um país[179] tem suas raízes nos repre-

178 "Existe determinada medida e proporção de dinheiro necessárias para manter em marcha o comércio de uma nação; um mais ou menos provocar-lhe-ia uma quebra. Assim como num pequeno estabelecimento varejista é necessária certa quantidade de *farthings* para trocar moedas de prata e para fazer pagamentos que não podem ser efetuados com as menores moedas de prata. (...) Assim como a proporção numérica de *farthings* necessários para o comércio depende do número de compradores, da frequência de suas compras e, sobretudo, também do valor da menor moeda de prata, de modo semelhante, a proporção do dinheiro necessário para nosso comércio (moedas de ouro e prata) é determinada pela freqüência das transações e pelo tamanho dos pagamentos." (PETTY, William. *A Treatise on Taxes and Contributions*. Londres, 1667. p. 17.) A. Young defendeu a teoria de Hume, contra J. Steuart e outros, em seu *Political Arithmetic*, Londres, 1774, num capítulo próprio: "Prices Depend on Quantity of Money", p. 112 *et seqs*. Eu observo em *Zunt Kritik* etc. p. 149: "A questão da quantidade da moeda circulante, ele (Adam Smith) suprime tacitamente, ao tratar o dinheiro de modo totalmente errôneo, como simples mercadoria". Isso vale apenas na medida em que A. Smith trata *ex officio** do dinheiro. Ocasionalmente, entretanto, por exemplo, na crítica aos sistemas mais antigos de Economia Política, ele se pronuncia corretamente: "A quantidade de dinheiro cunhado de cada país é regulada por meio do valor das mercadorias, cuja circulação ela tem de mediar. (...) O valor dos bens comprados e vendidos anualmente num país exige certa quantidade de dinheiro para fazê-los circular e distribuí-los aos seus verdadeiros consumidores, mas não pode criar para mais dinheiro nenhuma aplicação. O canal da circulação atrai necessariamente uma soma que é suficiente para preenchê-lo, mas nunca absorve uma maior". (*Wealth of Nations* [v. III] 1. IV. cap. I [p. 87-89].) De forma semelhante A. Smith inicia sua obra *ex officio* com uma apoteose da divisão do trabalho. Depois, no último livro sobre as fontes das rendas do Estado, reproduz ele, ocasionalmente, a denúncia da divisão do trabalho, de A. Ferguson, seu mestre.
* Explicitamente. (N. dos T.)

179 "Os preços das coisas subirão seguramente em cada país, na medida em que cresce a quantidade de ouro e prata entre as pessoas; por conseguinte quando o ouro e a prata

sentantes originais da insossa hipótese de que mercadorias sem preço e dinheiro sem valor entram no processo de circulação e lá então uma parte alíquota do angu formado pelas mercadorias é intercambiada por uma parte alíquota da montanha de metal.[180]

c) A moeda. O signo do valor

Da função do dinheiro como meio circulante surge sua figura de moeda. A fração de peso do ouro, representada pelo preço ou nome monetário das mercadorias, tem de defrontar-se com estas na circulação

num país se reduzem, os preços de todas as mercadorias devem cair também proporcionalmente a essa diminuição do dinheiro." (VANDERLINT, Jacob. *Money Answers all Things*. Londres, 1734. p. 5.) Uma comparação mais pormenorizada entre Vanderlint e os "Essays" de Hume não deixa a mim a menor dúvida de que Hume conheceu e utilizou o escrito, aliás significativo, de Vanderlint. A idéia de que o volume do meio circulante determina os preços encontra-se também em Barbon e em outros escritores ainda muito mais antigos. "Nenhuma inconveniência", diz Vanderlint, "pode surgir do comércio desimpedido, mas apenas grandes vantagens, pois quando a quantidade de dinheiro efetivo da nação for diminuída por meio dele, o que as medidas de proibição devem impedir, as outras nações, para as quais flui o dinheiro, verificarão certamente que os preços de todas as coisas subirão na medida em que nelas cresce a quantidade de dinheiro efetivo. E (...) nossos produtos de manufatura e todas as outras mercadorias logo ficarão tão baratos que a balança comercial outra vez se tornará favorável a nós e, em conseqüência disso, o dinheiro flui de volta para Nós." (*Op. cit*., p. 43-44.)

180 É evidente que cada tipo individual de mercadoria constitui, por meio de seu preço, um elemento da soma dos preços de todas as mercadorias em circulação. Porém, como valores de uso incomensuráveis entre si devem trocar-se *en masse* * com a massa de ouro ou prata existente num país é totalmente incompreensível. Se ardilosamente se converte o mundo das mercadorias em uma única mercadoria global, da qual cada mercadoria constitui apenas uma parte alíquota, obtém-se o lindo exemplo aritmético: Mercadoria global = *x* quintais de ouro. Mercadoria *A* = parte alíquota da mercadoria global = a mesma parte alíquota de *x* quintais de ouro. Montesquieu expressa isso honestamente: "Quando se compara a massa de ouro e prata existente no mundo com a soma das mercadorias existentes, do mesmo modo pode-se certamente comparar cada produto específico, isto é, mercadoria, com uma quantidade determinada de dinheiro. Suponhamos que exista apenas um único produto, ou seja, uma única mercadoria, no mundo, ou que apenas uma seja comprada, e que ela seja divisível, da mesma forma que o dinheiro: certa parte dessa mercadoria corresponderá então à parte da massa de dinheiro; a metade da totalidade das mercadorias à metade da massa total de dinheiro etc. (...) a determinação dos preços das mercadorias depende sempre, fundamentalmente, da relação entre a quantidade total das mercadorias e a quantidade total dos signos monetários". (MONTESQUIEU. *Op. cit*., t. III, p. 12-13.) Sobre o desenvolvimento ulterior dessa teoria, por Ricardo, seu discípulo James Mill, Lord Overstone etc. compare *Zur Kritik* etc., p. 140-146 e p. 150 *et seqs*. O sr. J. St. Mill consegue, com sua habitual lógica eclética, adotar o ponto de vista de seu pai, J. Mill, e simultaneamente o oposto. Compare-se o texto de seu compêndio *Princ. of Pol. Econ*. com o prefácio (primeira edição), no qual ele mesmo se anuncia como o Adam Smith contemporâneo, então não se sabe o que mais admirar, se a ingenuidade do homem ou a do público que o aceita credulamente como um Adam Smith, com o qual ele se assemelha tanto quanto o General Williams Kars von Kars ao Duque de Wellington. As pesquisas originais do sr. J. St. Mill, nem extensas nem ricas em conteúdo, no campo da Economia Política, desfilam todas em formação em sua brochurinha aparecida em 1844: *Some Unsettled Questions of Political Economy*. Locke enuncia diretamente a conexão entre a inexistência de valor em ouro e prata e a determinação de seu valor por meio da quantidade. "Tendo a humanidade acordado em conferir ao ouro e à prata um valor imaginário (...) o valor intrínseco, que se observa nesses metais, é nada mais que a sua quantidade." (*Some Considerations* etc. 1691, In: *Works*. Ed. 1777. v. II, p. 15.)

* Em massa. (N. dos T.)

sob a forma de uma peça de ouro de igual denominação ou moeda. Assim como a fixação do padrão dos preços, a cunhagem é incumbência do Estado. Nos diversos uniformes nacionais vestidos pelo ouro e a prata enquanto moedas e dos quais são desvestidos no mercado mundial, aparece o divórcio entre as esferas internas ou nacionais de circulação das mercadorias e a sua esfera geral, o mercado mundial.

Moeda de ouro e barras de ouro diferenciam-se originalmente apenas pela gravação, e o ouro é suscetível de passar constantemente de uma forma à outra.[181] Mas o caminho para deixar de ser moeda é, ao mesmo tempo, a marcha ao cadinho. Pois, na circulação, as moedas de ouro se desgastam, uma mais, a outra menos. O título de ouro e a substância de ouro, o conteúdo nominal e conteúdo real começam seu processo de dissociação. Moedas de ouro de mesma denominação assumem valor desigual, por terem pesos diferentes. O ouro como meio circulante diferencia-se do ouro como padrão dos preços e deixa com isso de ser também equivalente verdadeiro das mercadorias, cujos preços realiza. A história dessa desordem forma a história das moedas da Idade Média e dos tempos modernos até o século XVIII. A tendência naturalmente espontânea do processo de circulação de converter a essência áurea da moeda em aparência áurea ou a moeda num símbolo de seu conteúdo metálico oficial é reconhecida mesmo pelas leis mais modernas sobre o grau de perda metálica que torna uma peça de ouro incapaz de circular ou a desmonetiza.

Se o próprio curso do dinheiro dissocia o conteúdo real do conteúdo nominal da moeda, sua existência metálica de sua existência funcional, ele já contém latentemente a possibilidade de substituir o dinheiro metálico em sua função de moeda por senhas de outro material ou por símbolos. As dificuldades técnicas para cunhar frações pequeníssimas de peso de ouro ou prata e o fato de que originariamente se empregassem, como medidas de valores, e circulassem, como dinheiro, outros metais de categoria inferior à dos metais preciosos, prata em vez de ouro e cobre em vez de prata, até o instante em que o metal precioso

181 Está, naturalmente, muito além do meu objetivo tratar de detalhes como cunhagem e outros semelhantes. A propósito da admiração que o sicofanta romântico Adam Mueller devota à "grandiosa liberalidade", com a qual "o Governo inglês cunha gratuitamente",* vejamos o seguinte parecer de Sir Dudley North: "Prata e ouro apresentam, como outras mercadorias, fluxo e refluxo. Quando chega um carregamento da Espanha, (...) ele é trazido ao Tower e cunhado. Não muito depois, surge procura por barras para a exportação. Quando no entanto não há nenhuma disponível, porque todas estão, por acaso, cunhadas, o que fazer? Fundi-las de novo; isso não significa nenhuma perda, pois cunhar não custa nada ao proprietário. Mas a nação tem o prejuízo, pois ela paga pelo entrançar da palha, com que se alimenta depois o burro. "Se o comerciante" (North era ele mesmo um dos maiores comerciantes ao tempo de Charles II) "tivesse de pagar um preço pela cunhagem, não enviaria sua prata ao Tower sem refletir, e dinheiro cunhado teria sempre um valor mais alto que prata não amoedada." (NORTH. *Op. cit*., p. 18.)

* MUELLER, A. H. *Die Elemente der Staatskunst*. Parte Segunda. Berlim, 1809. p. 280 (N. da Ed. Alemã.)

os destrona, explicam historicamente o papel das senhas de prata e cobre como substitutos da moeda de ouro. Elas substituem o ouro naqueles setores da circulação de mercadorias em que a moeda circula com maior rapidez e, portanto, desgasta-se mais rapidamente, isto é, onde as compras e as vendas sucedem incessantemente em proporções ínfimas. Para impedir esses satélites de ocuparem definitivamente o lugar do ouro, a lei se encarrega de determinar as proporções muito reduzidas em que é obrigatório serem aceitas em pagamento, em lugar de ouro. As esferas particulares, em que circulam as diversas classes de moedas, confundem-se naturalmente. A moeda divisionária aparece ao lado do ouro, para o pagamento de frações da menor moeda de ouro; o ouro penetra constantemente na circulação varejista, mas é daí expulso com a mesma constância mediante a troca por moedas divisionárias.[182]

O conteúdo metálico das senhas de prata e de cobre é determinado de forma arbitrária pela lei. Na circulação elas se desgastam ainda mais rapidamente que a moeda de ouro. E, portanto, sua função monetária torna-se, de fato, totalmente independente de seu peso, isto é, de todo o valor. A existência do ouro como moeda dissocia-se radicalmente de sua substância de valor. Coisas relativamente sem valor, bilhetes de papel, podem portanto funcionar, em seu lugar, como moeda. Nas senhas metálicas de dinheiro, o caráter puramente simbólico ainda está em certa medida oculto. Na moeda papel revela-se plenamente. Como se vê, *ce n'est pas que le premier pas que coûte*.[183]

Trata-se aqui apenas de moeda papel do Estado com curso forçado. Origina-se diretamente do curso metálico. O dinheiro de crédito pressupõe, ao contrário, relações que, do ponto de vista da circulação simples das mercadorias, ainda nos são inteiramente desconhecidas. Observemos, porém, de passagem, que, do mesmo modo que a verdadeira moeda papel origina-se da função do dinheiro como meio circulante, o dinheiro de crédito possui sua raiz naturalmente desenvolvida na função do dinheiro como meio de pagamento.[184]

182 "Quando já não há dinheiro de prata além do necessário para os pequenos pagamentos, não pode ser reunido em quantidades suficientes para pagamentos maiores. (...) O uso de ouro para grandes pagamentos implica também, necessariamente, seu uso no comércio varejista: Quem possui moedas de ouro usa-as também para compras menores e recebe de volta com as mercadorias compradas o resto em prata; assim é o resto excedente em prata, que de outra maneira pesaria ao comerciante varejista, retirado deste e lançado de volta na circulação geral. Quando, porém, existe tanta prata que os pequenos pagamentos podem ser realizados independentemente do ouro, então o varejista receberá prata por pequenas compras, que será necessariamente acumulada por ele." (BUCHANAN, David. *Inquiry into the Taxation and Commercial Policy of Great Britain*. Edimburgo, 1844, p. 248-249.)

183 Somente o primeiro passo é que custa. (N. dos T.)

184 O mandarim das finanças Wan-mao-in se permitiu submeter ao Filho do Céu um projeto cujo objetivo secreto era transformar os *assignats* imperiais chineses em notas bancárias conversíveis. No relatório do comitê de *assignats* de abril de 1854 recebeu merecida reprimenda. Se ele recebeu também as obrigatórias vergastadas de bambu, não está relatado. "O comitê", diz o final do relatório, "examinou atentamente seu projeto e acha que tudo

Bilhetes de papel que levam impressos denominações monetárias, como 1 libra esterlina, 5 libras esterlinas etc., são lançados de fora pelo Estado no processo de circulação. Na medida em que realmente circulam em lugar da soma de ouro de mesma denominação, refletem-se em seu movimento apenas as leis do próprio curso do dinheiro. Uma lei específica da circulação do papel somente pode originar-se de sua relação de representatividade do ouro. E a lei é simplesmente esta: que a emissão de moeda papel deve limitar-se à quantidade na qual o ouro (ou a prata), simbolicamente por ela representado, realmente teria que circular. É claro que a quantidade de ouro que a esfera da circulação pode absorver oscila continuamente acima ou abaixo de determinado nível médio. Entretanto, o volume do meio circulante, em dado país, nunca desce abaixo de determinado mínimo, que se fixa segundo a experiência. O fato de que essa massa mínima muda continuamente seus componentes, isto é, de que ela se compõe de peças de ouro sempre diferentes, naturalmente não altera nada em seu tamanho e em seu constante movimento na esfera da circulação. Ela pode, por isso, ser substituída por símbolos do papel. Se hoje todos os canais de circulação são preenchidos com moeda papel em grau pleno de sua capacidade de absorção de dinheiro, amanhã, em virtude das oscilações na circulação de mercadorias, eles podem estar supercheios. Perdem-se então todas as medidas. Ultrapassa o papel, porém, sua medida, isto é, a quantidade de moeda de ouro com a mesma denominação que poderia circular abstraindo-se o perigo do descrédito geral, e ele representa no mundo das mercadorias apenas a quantidade de ouro determinada pelas suas leis imanentes, portanto, somente a que é suscetível de ser representada. Se, por exemplo, a massa de bilhetes de papel representa 2 onças de ouro, por cada onça, então 1 libra esterlina torna-se, de fato, a denominação monetária de, digamos, 1/8 de onça em vez de 1/4 de onça. O efeito é o mesmo que se o ouro tivesse sido modificado em sua função como medida dos preços. Os mesmos valores, portanto, que se expressavam antes no preço de 1 libra esterlina, expressam-se agora no preço de 2 libras esterlinas.

A moeda papel é o signo de ouro ou signo de dinheiro. Sua relação

nele resulta vantajoso para os comerciantes e nada sendo de vantagem para a Coroa." (*Arbeiten der Kaiserlich Russischen Gesandtschaft zu Peking ueber China*. Aus dem Russischen von dr. K. Abelund F. A. Mecklenburg. v. I, Berlim, 1858, p. 54.) Sobre a contínua desmetalização das moedas de ouro, devida a seu curso, diz um *governor** do Bank of England, como testemunha perante o House of Lord's Committee (sobre *Bankacts***): "Todo ano uma nova classe de *sovereigns*"*** (estes não políticos, pois *sovereign* é o nome da libra esterlina) "torna-se leve demais. A classe que num ano passa por ter peso pleno, perde pelo desgaste o bastante para tornar-lhe, no ano seguinte, a balança desfavorável". (House of Lord's Committee 1848, nº 429.)

* Governador. (N. dos T.)

** Leis bancárias. (N. dos T.)

*** Um jogo de palavras: *Sovereign* significa "soberano", "monarca", mas é, ao mesmo tempo, o nome de uma moeda de ouro inglesa (1 libra esterlina). (N. da Ed. Alemã.)

com os valores mercantis consiste apenas em que estes estão expressos idealmente nas mesmas quantidades de ouro que são representadas simbólica e sensivelmente pelo papel. Somente na medida em que representa quantidades de ouro, que são também, como todas as quantidades de mercadorias, quantidades de valor, a moeda papel é signo de valor.[185]

Pergunta-se, finalmente, por que o ouro pode ser substituído por meros signos de si mesmo, sem valor? Porém, como já foi visto, o ouro é somente substituível na medida em que, em sua função como moeda ou como meio circulante, é isolado ou tornado autônomo. Entretanto, essa função não se torna autônoma para moedas individuais de ouro, embora sua autonomia apareça no fato de que peças de ouro desgastadas continuam a circular. As peças de ouro são simples moedas ou meio circulante somente enquanto efetivamente circulam. O que, porém, não vale para uma moeda individual de ouro, é aplicável à massa mínima de ouro substituível por moeda papel. Esta reside constantemente na esfera de circulação, funciona continuamente como meio circulante e existe, portanto, exclusivamente como portador dessa função. Seu movimento limita-se a representar as mutações recíprocas contínuas que formam os processos antagônicos da metamorfose das mercadorias, $M - D - M$, em que à mercadoria se defronta sua figura de valor para imediatamente desaparecer de novo. A representação autônoma do valor de troca da mercadoria é, aqui, apenas um momento efêmero. É substituída de imediato por outra mercadoria. Por isso, basta que o dinheiro exista apenas de forma simbólica num processo que o faz passar continuamente de mão em mão. Sua existência funcional absorve, por assim dizer, sua existência material. Reflexo objetivado evanescente dos preços das mercadorias, funciona apenas como signo de si mesmo e, por isso, pode ser substituído por outros signos.[186]

185 Nota à 2ª edição. Como falta clareza à concepção das diferentes funções do dinheiro, mesmo nos melhores escritores sobre o sistema monetário, demonstra, por exemplo, a seguinte passagem de Fullarton: "Quanto à nossa troca interna, todas as funções do dinheiro, que são costumeiramente preenchidas por moedas de ouro e prata, podem ser desempenhadas com a mesma eficácia por uma circulação de notas não conversíveis, que não têm nenhum outro valor senão esse valor artificial e fundamentado em convenção, que receberam por lei — um fato que, penso eu, não pode ser contestado. Um valor dessa espécie poderia servir a todos os objetivos de um valor intrínseco e até mesmo tornar supérflua a necessidade de um padrão de valor, desde que a quantidade de suas emissões seja mantida dentro dos limites pertinentes". (FURLLARTON. *Regulation of Currencies*. 2ª ed., Londres, 1845. p. 21.) Assim, como a mercadoria monetária pode ser substituída na circulação por meros signos de valor, é ela supérflua como medida dos valores e padrão dos preços!

186 Do fato de ouro e prata, enquanto moeda ou na função exclusiva de meio circulante, tornarem-se símbolos deles mesmos, deriva Nicholas Barbon o direito dos governos *to raise money*,* isto é, por exemplo, dar a um *quantum* de prata, que se chamou *Groschen*, a denominação de um *quantum* maior de prata, como *Taler*, e assim pagar os credores com *Groschen*, em vez de *Taler*. "Dinheiro se desgasta e torna-se mais leve pelas múltiplas vezes que é contado. (...) É a denominação e o curso do dinheiro o que as pessoas que comerciam observam, e não a quantidade de prata. (...) É a autoridade do Estado que faz do metal dinheiro." (BARBON, N. *Op. cit*., p. 29-30, 25.)

* Elevar o dinheiro. (N. dos T.)

O signo do dinheiro só necessita de sua validade social objetiva própria e esta é recebida pelo símbolo de papel mediante o curso forçado. Esse curso forçado pelo Estado rege somente dentro das fronteiras de uma comunidade ou na esfera interna de circulação, mas também somente aqui o dinheiro reduz-se totalmente à sua função de meio circulante ou de moeda, e pode, portanto, receber na moeda papel uma modalidade de existência puramente funcional e exteriormente separada de sua substância metálica.

3. Dinheiro

A mercadoria que funciona como medida de valor e também, corporalmente ou por intermédio de representantes, como meio circulante, é dinheiro. O ouro (ou prata) é, portanto, dinheiro. Como dinheiro funciona, por um lado, onde aparece em sua corporalidade áurea (ou prateada), isto é, como mercadoria monetária, portanto, nem apenas de forma ideal, como na medida de valor, nem sendo suscetível de representação, como no meio circulante; por outro lado, onde sua função, quer a execute em pessoa, quer por meio de representantes, fixa-o como figura de valor exclusiva ou única existência adequada do valor de troca perante todas as demais mercadorias, enquanto simples valores de uso.

a) Entesouramento

O ciclo contínuo das duas metamorfoses contrapostas da mercadoria ou a rotação fluida de compra e venda revela-se no infatigável curso do dinheiro ou em sua função de *perpetuum mobile* da circulação. O dinheiro imobiliza-se ou transforma-se, como disse Boisguillebert, de *meuble* em *immeuble*,[187] de moeda em dinheiro, assim que se interrompa a série de metamorfoses e a venda não se completa com a compra seguinte.

Com o desenvolvimento inicial da própria circulação de mercadorias, desenvolve-se a necessidade e a paixão de fixar o produto da primeira metamorfose, a forma modificada da mercadoria ou a sua crisálida áurea.[188] Vendem-se mercadorias não para comprar mercadorias, mas para substituir a forma mercadoria pela forma dinheiro. De simples intermediação do metabolismo, essa mudança de forma torna-se fim em si mesma. A figura alienada da mercadoria é impedida de funcionar como sua figura absolutamente alienável ou como sua forma dinheiro apenas evanescente. O dinheiro petrifica-se, então, em tesouro e o vendedor de mercadorias torna-se entesourador.

187 Móvel em imóvel. — BOISGUILLEBERT. "Le Détail de la France". In: *Économistes Financiers du XVIII*e *Siècle* (...) *par Eugène Daire*. Paris, 1843. p. 213. (N. da Ed. Alemã.)

188 "Riqueza em dinheiro nada mais é (...) que a riqueza em produtos que foram transformados em dinheiro." (RIVIÈRE, Mercier de la. *Op. cit.*, p. 573.) "Um valor na forma de produtos apenas mudou de forma." (*Ibid.*, p. 486.)

Precisamente no começo da circulação de mercadorias, apenas o excesso de valores de uso converte-se em dinheiro. Ouro e prata tornam-se assim, por si mesmos, expressões sociais do excedente ou da riqueza. Essa forma ingênua de entesouramento eterniza-se naqueles povos em que o modo de produção tradicional e orientado à auto-subsistência corresponde a um círculo de necessidades fortemente delimitado. Tal como acontece com os asiáticos, nomeadamente os indianos. Vanderlint, que acredita serem os preços das mercadorias determinados pela massa de ouro e prata existente num país, pergunta-se por que as mercadorias indianas são tão baratas. Resposta: porque os indianos enterram o dinheiro. De 1602 a 1734, observa, eles enterraram 150 milhões de libras esterlinas em prata, que vieram originalmente da América para a Europa.[189] De 1856 a 1866, em dez anos, portanto, a Inglaterra exportou para a Índia e para a China (o metal exportado para a China reflui, em grande parte, para a Índia) 120 milhões de libras esterlinas em prata, a qual, antes, havia sido trocada por dinheiro australiano.

Com a produção de mercadorias mais desenvolvida, cada produtor de mercadorias tem de assegurar-se o *nervus rerum* ou o "penhor social".[190] Suas necessidades renovam-se incessantemente e exigem compra incessante de mercadorias alheias, enquanto a produção e venda de suas próprias mercadorias custam tempo e dependem de acasos. Para comprar sem vender, tem de haver vendido antes, sem haver comprado. Essa operação, executada em escala geral, parece contradizer a si mesma. Entretanto, em suas fontes de produção, os metais preciosos se trocam diretamente por outras mercadorias. Aí realizam-se vendas (por parte dos possuidores das mercadorias) sem compras (por parte dos possuidores de ouro e prata).[191] Vendas posteriores não seguidas de compras apenas mediam a distribuição ulterior dos metais preciosos entre todos os possuidores de mercadorias. Assim, surgem, em todos os pontos da circulação, tesouros de ouro e prata, de tamanhos os mais diferentes. Com a possibilidade de manter a mercadoria como valor de troca ou o valor de troca como mercadoria, desperta a cobiça pelo ouro. Com a ampliação da circulação de mercadorias, aumenta o poder do dinheiro, da forma sempre disponível e absolutamente social de riqueza.

> "O ouro é uma coisa maravilhosa! Quem o possui é senhor de tudo o que deseja. Com o ouro pode-se até fazer entrar almas no paraíso." (Colombo, em carta da Jamaica, 1503.)

189 "Por meio dessa medida eles mantêm tão baixos os preços de todos os bens e manufaturados." (VANDERLINT. *Op. cit.*, p. 95-96.)

190 "Dinheiro é um penhor." (BELLERS, John. *Essays about the Poor, Manufacturers, Trade, Plantations, and Immorality*. Londres, 1699. p. 13.)

191 Compra em sentido categórico pressupõe ouro ou prata como figura já transformada da mercadoria ou como produto da venda.

Como ao dinheiro não se pode notar o que se transformou nele, converte-se tudo, mercadoria ou não, em dinheiro. Tudo se torna vendável e comprável. A circulação torna-se a grande retorta social, na qual lança-se tudo, para que volte como cristal monetário. E não escapam dessa alquimia nem mesmo os ossos dos santos nem as *res sacrosanctae, extra commercium hominum*.[192, 193] Como no dinheiro é apagada toda diferença qualitativa entre as mercadorias, ele apaga por sua vez, como *leveller*[194] radical, todas as diferenças.[195] O dinheiro mesmo, porém, é uma mercadoria, uma coisa externa, que pode converter-se em propriedade privada de qualquer um. O poder social torna-se, assim, poder privado da pessoa privada. A sociedade antiga o denuncia, portanto, como elemento dissolvente de sua ordem econômica e moral. A moderna sociedade, que já em seus anos de infância arranca Plutão pelos cabelos das entranhas da Terra,[196] saúda no Graal de ouro a resplandecente encarnação de seu mais autêntico princípio de vida.

A mercadoria, como valor de uso, satisfaz a uma necessidade particular e constitui um elemento específico da riqueza material. Mas o valor da mercadoria mede o grau de sua força de atração sobre todos os elementos da riqueza material, portanto mede a riqueza social de

192 Coisas sacrossantas, excluídas do comércio humano. (N. dos T.)

193 Henrique III, rei cristianíssimo da França, rouba aos mosteiros etc. suas relíquias para convertê-las em prata. Sabe-se qual o papel que desempenhou o roubo dos tesouros do templo de Delfos pelos fócios, na história grega. Para o deus das mercadorias, o templo, na Antiguidade, servia de moradia. Eles eram "bancos sagrados". Aos fenícios, um povo comerciante *par excellence,* o dinheiro valia como a figura alienada de todas as coisas. Era, entretanto, lógico que as virgens que se entregavam aos estranhos por ocasião da festa da deusa do amor ofertassem à deusa a moeda recebida em pagamento.

194 Nivelador. (N. dos T.)

195 "Ouro! Ouro vermelho, fulgurante, precioso!
Uma porção dele faz do preto, branco, do feio, bonito;
Do ruim, bom, do velho, jovem, do covarde, valente, do vilão, nobre.
... Ó deuses! Por que isso? Por que isso, deuses;
Ah, isso vos afasta o sacerdote e do altar;
E arranca o travesseiro do que nele repousa;
Sim, esse escravo vermelho ata e desata
Vínculo sagrados; abençoa o amaldiçoado;
Faz a lepra adorável; honra o ladrão,
Dá-lhe títulos, genuflexões e influência,
No conselho dos senadores;
Traz à viúva carregada de anos pretendentes;
... Metal maldito,
És da humanidade a comum prostituta."
(SHAKESPEARE. *Timão de Atenas*.)

"Nada suscitou nos homens tantas ignomínias
Como o ouro. É capaz de arruinar cidades,
De expulsar os homens de seus lares;
Seduz e deturpa o espírito nobre
Dos justos, levando-os a ações abomináveis;
Ensina aos mortais os caminhos da astúcia e da perfídia,
E os induz a cada obra amaldiçoada pelos deuses."
(SÓFOCLES. *Antígona*.)

196 "A avareza espera arrancar o próprio Plutão do interior da Terra." (ATHEN[AEUS]. *Deipnos*.)

seu possuidor. Para o barbaramente simples possuidor de mercadorias, mesmo para um camponês da Europa ocidental, o valor é inseparável da forma valor, portanto acréscimo do tesouro e da prata é para ele acréscimo de valor. O valor do dinheiro varia, entretanto, em conseqüência da variação seja de seu próprio valor, seja do valor das mercadorias. Porém, isso não impede, por um lado, que 200 onças de ouro continuem contendo mais valor que 100, 300 mais que 200 etc., nem impede, por outro lado, que a forma metálica natural dessa coisa continue sendo a forma equivalente geral de todas as mercadorias, a encarnação diretamente social de todo trabalho humano. O impulso para entesourar é por natureza sem limite. Qualitativamente ou segundo a sua forma, o dinheiro é ilimitado, isto é, representante geral da riqueza material, pois pode trocar-se diretamente por qualquer mercadoria. Porém, ao mesmo tempo, toda a soma efetiva de dinheiro é quantitativamente limitada, portanto também apenas meio de compra de eficácia limitada. Essa contradição entre a limitação quantitativa e o caráter qualitativamente ilimitado do dinheiro impulsiona incessantemente o entesourador ao trabalho de Sísifo da acumulação. Acontece a ele como ao conquistador do mundo, que com cada novo país somente conquista uma nova fronteira.

Para reter o ouro como dinheiro e, portanto, como elemento de entesouramento, é necessário impedi-lo de circular ou de dissolver-se como meio de compra, em artigos de consumo. O entesourador sacrifica, por isso, ao fetiche do ouro os seus prazeres da carne. Abraça com seriedade o evangelho da abstenção. Por outro lado, somente pode subtrair da circulação em dinheiro o que a ela incorpora em mercadoria. Quanto mais ele produz, tanto mais pode vender. Laboriosidade, poupança e avareza são, portanto, suas virtudes cardeais, vender muito e comprar pouco são o resumo de sua economia política.[197]

Paralelo à forma direta do tesouro, ocorre sua forma estética, a posse de mercadorias de ouro e prata. E esta cresce com a riqueza da sociedade burguesa. "*Soyons riches ou paraissons riches*."[198] (Diderot.) Forma-se assim, em parte, um mercado cada vez mais extenso para o ouro e a prata, independentemente de suas funções como dinheiro, em parte, uma fonte latente de oferta de dinheiro, a qual flui notadamente em períodos de agitação social.

O entesouramento desempenha diversas funções na economia de circulação metálica. A função mais próxima decorre das condições de curso da moeda de ouro e prata. Vimos como, com as contínuas oscilações da circulação das mercadorias em volume, preços e velocidade,

197 "Aumentar o mais possível o número dos vendedores de cada mercadoria, diminuir o mais possível o número dos compradores, estes são os pontos cruciais em torno dos quais giram todas as medidas da Economia Política." (VERRI. *Op. cit.*, p. 52-53.)

198 Sejamos ricos ou pareçamos ricos. (N. dos T.)

a quantidade de dinheiro em curso diminui e aumenta infatigavelmente. É necessário, portanto, que seja capaz de contrair-se e expandir-se. Ora dinheiro tem de ser atraído como moeda; ora moeda tem de ser repelida como dinheiro. Para que a massa de dinheiro realmente circulante corresponda, a todo momento, ao grau de saturação da esfera de circulação, é necessário que o *quantum* de ouro e prata existente num país exceda o *quantum* absorvido pela função monetária. Essa condição é satisfeita por meio do dinheiro em forma de tesouro. As reservas de tesouro servem, ao mesmo tempo, de canais de adução e de derivação do dinheiro circulante, o qual, por isso, nunca transborda os canais de seu curso.[199]

b) Meio de pagamento

Na forma direta de circulação de mercadorias, que vimos até agora, a mesma grandeza de valor está sempre presente duplamente, mercadoria num pólo e dinheiro no pólo oposto. Os possuidores de mercadorias portanto entravam em contato apenas como representantes de equivalentes reciprocamente presentes. Com o desenvolvimento da circulação de mercadorias, porém, desenvolvem-se condições em que a alienação da mercadoria separa-se temporalmente da realização de seu preço. Basta indicar aqui a mais simples dessas condições. Uma classe de mercadorias requer mais, outra menos, tempo para ser produzida. A produção de diversas mercadorias depende das diversas estações do ano. Uma mercadoria nasce no lugar de seu mercado, outra

199 "Para comerciar, cada nação precisa de uma soma determinada de *specifick money* * que varia, sendo uma vez maior, outra vez menor, conforme exijam as circunstâncias. (...) Esses fluxos e refluxos de dinheiro regulam-se por si mesmos, sem nenhuma ajuda dos políticos. (...) Os baldes trabalham alternadamente: quando é escasso o dinheiro, amoedam-se barras; sendo escassas as barras, fundem-se moedas." (NORTH, Sir D. *Op. cit.* [*postscript*.], p. 3.) John Stuart Mill, durante muito tempo funcionário da Companhia das Índias Orientais,** confirma que na Índia os ornamentos de prata funcionam ainda diretamente como tesouro. Os "ornamentos de prata são levados à cunhagem quando há uma alta taxa de juros; eles voltam quando a taxa de juros cai". ("J. St. Mill's Evidence." In: *Repts. on Bankacts*. 1857, nº 2 084, 2 101.) Segundo um documento parlamentar de 1864 sobre a importação e exportação de ouro e prata na Índia,*** em 1863, a importação de ouro e prata ultrapassou a exportação em 19 367 764 libras esterlinas. Nos últimos oito anos antes de 1864, o excedente da importação sobre a exportação dos metais preciosos montou a 109 652 917 libras esterlinas. No curso deste século, cunharam-se na Índia bem mais de 200 milhões de libras esterlinas.

* Dinheiro metálico. (N. dos T.)

** Companhia das Índias Orientais — companhia comercial inglesa que existiu de 1600 a 1858. Ela era um instrumento da política colonial de roubo da Inglaterra na Índia, China e em outros países asiáticos. Por meio dela, os colonizadores ingleses conseguiram a paulatina conquista da Índia. A Companhia das Índias Orientais dispôs por muito tempo do monopólio do comércio com a Índia e tinha em suas mãos as funções administrativas mais importantes, nesse país. O levante para a libertação nacional na Índia (1857/59) forçou os ingleses a mudarem as formas de seu domínio colonial; a Companhia das Índias Orientais foi dissolvida e a Índia declarada posse da Coroa inglesa. (N. da Ed. Alemã.)

*** "East India (Bullion). Return to an address of the Honourable House of Commons, dated 8 February 1864." (N. da Ed. Alemã.)

tem de viajar para um mercado distante. Assim, um possuidor de mercadorias pode apresentar-se como vendedor antes que outro como comprador. Com constante repetição das mesmas transações entre as mesmas pessoas, as condições de venda das mercadorias se regulam pelas suas condições de produção. Por outro lado, vende-se o uso de certas classes de mercadorias, por exemplo, uma casa, por determinado espaço de tempo. Somente após o decurso do prazo fixado recebe o comprador realmente o valor de uso da mercadoria. Ele a compra, portanto, antes de pagá-la. Um possuidor de mercadorias vende mercadorias que já existem, o outro compra como simples representante do dinheiro ou como representante de dinheiro futuro. O vendedor torna-se credor, o comprador, devedor. Como a metamorfose da mercadoria ou o desenvolvimento de sua forma valor se altera aqui, o dinheiro assume outra função. Converte-se em meio de pagamento.[200]

O caráter de credor ou devedor origina-se aqui da circulação simples de mercadorias. Sua mudança de forma imprime esse novo cunho ao vendedor e ao comprador. Inicialmente, trata-se pois de papéis evanescentes e desempenhados alternadamente pelos mesmos agentes de circulação, do mesmo modo que os de vendedor e comprador. Porém, a antítese parece agora desde sua origem menos confortável e tem maior capacidade de cristalizar-se.[201] Mas os mesmos caracteres podem também apresentar-se em cena, independentemente da circulação de mercadorias. Assim, por exemplo, a luta de classe no mundo antigo apresenta-se principalmente sob a forma de uma luta entre credor e devedor e termina em Roma com a decadência do devedor plebeu, que é substituído pelo escravo. Na Idade Média essa luta termina com a decadência do devedor feudal, que perde seu poder político com sua base econômica. Contudo, a forma dinheiro — a relação entre credor e devedor possui a forma de uma relação monetária — somente reflete o antagonismo de condições de existências econômicas mais profundas.

Voltemos à esfera da circulação de mercadorias. Cessou o aparecimento simultâneo dos equivalentes mercadoria e dinheiro, sobre os dois pólos de processo de venda. O dinheiro funciona agora, primeiro, como medida de valor na determinação do preço da mercadoria vendida. Seu preço fixado contratualmente mede a obrigação do comprador, isto

200 Lutero distingue dinheiro como meio de compra e como meio de pagamento. "Fazes de mim um gêmeo do avarento, de modo que não posso pagar aqui, nem comprar ali." (LUTHER, Martin. *An die Pfarrherrn, wider den Wucher zu predigen*. Wittenberg. 1540.)*

201 Sobre as relações entre devedor e credor, entre os comerciantes ingleses, no início do século XVIII: "Entre os comerciantes, aqui na Inglaterra, reina tal espírito de crueldade que não se encontra em nenhuma outra sociedade humana nem em nenhum outro país do mundo." (*An Essay on Credit and the Bankrupt Act*. Londres, 1707. p. 2.)

* Nós citamos Lutero conforme a 4ª edição de *O Capital*. (N. da Ed. Alemã.)

é, a soma de dinheiro, a qual ele deve em certo prazo. Segundo, funciona como meio ideal de compra. Embora apenas exista no compromisso monetário do comprador, faz com que a mercadoria mude de mãos. Apenas ao vencer o prazo fixado para o pagamento, o meio de pagamento entra realmente em circulação, isto é, ele passa realmente das mãos do comprador para as do vendedor. O meio circulante converteu-se em tesouro, ao interromper o processo de circulação em sua primeira fase ou ao ser subtraída da circulação a forma transformada da mercadoria. O meio de pagamento entra na circulação, porém depois que a mercadoria já se retirou dela. O dinheiro já não media o processo. Ele o fecha de modo autônomo, como existência absoluta do valor de troca ou mercadoria geral. O vendedor converte sua mercadoria em dinheiro para satisfazer a uma necessidade por meio do dinheiro, o entesourador, para preservar a mercadoria em forma de dinheiro, o comprador que ficou devendo, para poder pagar. Se não pagar, seus bens são vendidos judicialmente. A figura de valor da mercadoria, dinheiro, torna-se, portanto, agora um fim em si da venda, em virtude de uma necessidade social que se origina das condições do próprio processo de circulação.

O comprador retransforma dinheiro em mercadoria antes de ter convertido mercadoria em dinheiro ou realiza a segunda metamorfose da mercadoria antes da primeira. A mercadoria do vendedor circula, mas realiza seu preço somente sob a forma de um título de crédito de direito privado. Converte-se em valor de uso antes de haver-se convertido em dinheiro. Sua primeira metamorfose somente se realiza *a posteriori*.[202]

Em todo período determinado do processo de circulação, as obrigações vencidas representavam a soma de preços das mercadorias cuja venda as fez surgir. A massa de dinheiro necessária para realizar essa soma de preços depende, antes de tudo, da velocidade de circulação dos meios de pagamento. Esta é condicionada por duas circunstâncias: o encadeamento das relações entre credor e devedor, pelas quais A recebe o dinheiro de seu devedor B, e paga com ele ao seu credor C etc.; e o lapso de tempo entre os diversos prazos de pagamento. Essa cadeia em processamento de pagamentos ou das primeiras metamor-

202 Nota à 2ª edição. Vê-se, pela seguinte citação de meu escrito surgido em 1859, por que, no texto, não tomo em consideração uma forma oposta: "Inversamente, o dinheiro pode, no processo $D - M$, ser alienado como verdadeiro meio de compra e assim ser realizado o preço da mercadoria antes de realizar-se o valor de uso do dinheiro ou alienar-se a mercadoria. Isso ocorre, por exemplo, na forma costumeira dos pagamentos adiantados. Ou na forma em que o Governo inglês (...) compra o ópio dos Ryots na Índia. Desse modo, porém, o dinheiro atua somente na forma já conhecida como meio de compra. (...) Naturalmente que também se adianta capital sob a forma de dinheiro. (...) Mas esse aspecto não cabe no horizonte da circulação simples". (*Zur Kritik* etc. p. 119-120.)

foses *a posteriori* distingue-se essencialmente do entrelaçamento das séries de metamorfoses, apreciadas anteriormente. No curso do meio circulante a conexão entre compradores e vendedores não é apenas expressa. A própria conexão surge primeiro no curso do dinheiro e com ele. O movimento dos meios de pagamento expressa, ao contrário, uma conexão social que já se tinha completado antes dele.

A simultaneidade e o paralelismo das vendas limitam a substituição da massa de moedas mediante a velocidade de circulação. Elas proporcionam, ao contrário, nova alavanca na economia dos meios de pagamento. Com a concentração dos pagamentos na mesma praça desenvolvem-se naturalmente instituições e métodos próprios para sua compensação. Assim, por exemplo, os *virements* de Lyon, na Idade Média. Os créditos de *A* contra *B, B* contra *C* e *C* contra *A* etc. precisam apenas ser confrontados para se cancelar mutuamente, até certo total, como grandezas positivas e negativas. Assim fica somente um saldo devedor a ser liquidado. Quanto mais maciça for a concentração de pagamentos, tanto menor será relativamente o saldo e, portanto, a massa dos meios de pagamento em circulação.

A função do dinheiro como meio de pagamento implica uma contradição direta. Na medida em que os pagamentos se compensam, ele funciona apenas idealmente, como dinheiro de conta ou medida de valor. Na medida em que tem-se de fazer pagamentos efetivos, ele não se apresenta como meio circulante, como forma apenas evanescente e intermediária do metabolismo, senão como a encarnação individual do trabalho social, existência autônoma do valor de troca, mercadoria absoluta. Essa contradição estoura no momento de crises comerciais e de produção a que se dá o nome de crise monetária.[203] Ela ocorre somente onde a cadeia em processamento dos pagamentos e um sistema artificial para sua compensação estão plenamente desenvolvidos. Havendo perturbações as mais gerais desse mecanismo, seja qual for a sua origem, o dinheiro se converte súbita e diretamente de figura somente ideal de dinheiro de conta em dinheiro sonante. Torna-se insubstituível por mercadorias profanas. O valor de uso da mercadoria torna-se sem valor e seu valor desaparece diante de sua própria forma de valor. Ainda há pouco o cidadão, presumindo-se esclarecido e ébrio de prosperidade, proclamava o dinheiro como uma paixão inútil. Somente a mercadoria é dinheiro. Apenas o dinheiro é mercadoria, clama-se agora por todo o mercado mundial. E como o cervo que grita

203 Deve-se distinguir bem a crise monetária, definida no texto como fase particular de cada crise geral de produção e comércio, do tipo especial de crise que se chama também de crise monetária, mas que pode aparecer independentemente, de modo que ela só afeta indústria e comércio por repercussão. Estas são crises cujo movimento se centra no capital monetário e, por isso, bancos, bolsas de valores e finanças são sua esfera imediata. (Nota de Marx à 3ª edição.)

por água fresca, assim grita a sua alma por dinheiro, a única riqueza.[204] Na crise, a antítese entre a mercadoria e sua figura de valor, o dinheiro, é elevada a uma contradição absoluta. A forma de manifestação do dinheiro é aqui portanto também indiferente. A fome de dinheiro é a mesma, quer se tenha de pagar em ouro ou em dinheiro de crédito, em notas de banco, por exemplo.[205]

Se observarmos agora a soma total do dinheiro em circulação durante dado período, verificamos que, dada a velocidade de circulação do meio circulante e dos meios de pagamento, ela é igual à soma dos preços das mercadorias a serem realizados mais a soma dos pagamentos vencidos menos os pagamentos que se compensam e, finalmente, menos o número de giros que a mesma moeda descreve, funcionando alternadamente como meio de circulação e como meio de pagamento. Assim, por exemplo, o camponês vende seu grão por 2 libras esterlinas, que servem, desse modo, de meio circulante. No dia do vencimento, ele paga com elas o linho que lhe forneceu o tecelão. As mesmas 2 libras esterlinas funcionam agora como meio de pagamento. O tecelão, por sua vez, compra com elas uma Bíblia e paga à vista — elas funcionam de novo como meio circulante — etc. Mesmo sendo dados os preços, a velocidade de circulação de dinheiro e a economia dos pagamentos, já não coincidem a massa de dinheiro que gira e a massa de mercadorias que circula durante um período, durante um dia, por exemplo. Está em curso dinheiro que representa mercadorias retiradas há muito tempo de circulação. Circulam mercadorias cujo equivalente em dinheiro só aparece no futuro. Por outro lado, os pagamentos contraídos cada dia e os pagamentos que vencem nesse mesmo dia são grandezas absolutamente incomensuráveis.[206]

204 "Esse salto brusco do sistema de crédito para o sistema monetário acrescenta o susto teórico ao pânico prático: e os agentes da circulação estremecem perante o mistério impenetrável de suas próprias relações." (MARX, Karl. *Op. cit.*, p. 126.) "Os pobres não têm trabalho, porque os ricos não têm dinheiro para empregá-los, embora possuam as mesmas terras e as mesmas forças de trabalho que antes, para poder produzir alimentos e roupas; são estas, porém, que constituem a verdadeira riqueza de uma nação e não o dinheiro." (BELLERS, John. *Proposals for Raising a Colledge of Industry*. Londres, 1696, p. 3-4.)

205 Como tais momentos são explorados pelos *amis du commerce:** "Certa ocasião" (1839) "um velho e ávido banqueiro" (da "City") "levantou a tampa da escrivaninha, em sua sala privada, à qual ele se sentava, e exibiu a um amigo maços de notas bancárias; com prazer efusivo, ele contou que eram 600 mil libras esterlinas, que teriam sido retidas para tornar o dinheiro escasso e seriam todas postas em circulação depois das 3 horas, no mesmo dia". ([ROY, H.] *The Theory of the Exchanges. The Bank Charter Act of 1844*. Londres, 1864. p. 81.) O órgão semi-oficial *The Observer* relata que no dia 24 de abril de 1864: "Estão circulando rumores muito estranhos sobre os meios empregados com o fim de provocar uma escassez de notas bancárias. (...) Por mais questionável que possa parecer admitir-se que truques desse tipo pudessem ter sido empregados, difundiu-se tanto a notícia a respeito que ela tem, de fato, de ser mencionada".

* Amigos do comércio. (N. dos T.)

206 "O volume de vendas ou contratos, realizados durante um dia determinado, não influi na quantidade de dinheiro que circula nesse dia, mas, na grande maioria dos casos, vai se traduzir em múltiplas emissões de letras de câmbio sobre a quantidade de dinheiro que poderá estar em curso no futuro, em dias mais ou menos distantes. As letras concedidas

O dinheiro de crédito se origina diretamente da função do dinheiro como meio de pagamento, já que são colocados em circulação os próprios certificados de dívidas por mercadorias vendidas, para transferir os respectivos créditos. Por outro lado, ao estender-se o sistema de crédito, estende-se a função do dinheiro como meio de pagamento. Enquanto tal, recebe forma própria da existência, na qual ocupa a esfera das grandes transações comerciais, enquanto as moedas de ouro e prata ficam confinadas à esfera do varejo.[207]

Com certo nível e volume de produção de mercadorias, a função do dinheiro como meio de pagamento ultrapassa a esfera da circulação de mercadorias. Ele torna-se a mercadoria geral dos contratos.[208] Rendas, impostos etc. transformam-se de entregas em natura em pagamentos em dinheiro. Até que ponto essa transformação é condicionada pela configuração geral do processo de produção é demonstrado, por exemplo, pelo fato de que tenha fracassado por duas vezes a tentativa do Império Romano de cobrar todos os tributos em dinheiro. E a indescritível miséria da população camponesa da França, sob o reinado

ou créditos abertos hoje não precisam, no que diz respeito ao seu número, montante ou prazo, ter nenhuma semelhança com aqueles que foram concedidos ou aceitos para amanhã ou depois de amanhã; antes, pelo contrário, muitos dos créditos e das letras de hoje, quando vencidos, se cobrem com um montante de obrigações cuja origem se distribui por uma série de datas anteriores, totalmente indeterminadas. Letras de câmbio com prazos se 12 meses, 6, 3 ou 1 coincidem muitas vezes de tal modo que aumentam extraordinariamente as obrigações vencidas em determinado dia." (*The Currency Theory Reviewed; a Letter to the Scotch People. By a Banker in England*. Edimburgo, 1845, p. 29-30 *passim*.)

207 Como um exemplo de quão pequena é a quantidade de dinheiro real que entra nas verdadeiras operações comerciais, segue aqui o esquema de uma das maiores casas de comércio de Londres (Morrison, Dillon & Co.) sobre seus recebimentos e pagamentos monetários anuais. Suas transações, no ano de 1856, que abrangem muitos milhões de libras, estão reduzidas à escala de 1 milhão.

Recebimentos	***Libras esterlinas***	***Pagamentos***	***Libras esterlinas***
Letras de banqueiros e comerciantes pagáveis a prazo	553 596	Letras pagáveis a prazo	302 674
Cheques de banqueiros etc. pagáveis à vista	357 715	Cheques sobre banqueiros de Londres	663 672
Notas bancárias provinciais	9 627	Notas do Bank of England	22 743
Notas do Bank of England	68 554	Ouro	9.427
Ouro	28 089	Prata e cobre	1 484
Prata e cobre	1 486		
Post Office Ordens[a]	933		
Total	1 000 000		1 000 000

(*Report from the Select Committee on the Bank Acts*. Julho de 1858. p. LXXI.)

208 "O caráter do comércio mudou de tal maneira que agora, em vez da troca de bens por bens ou entrega e recepção, há venda e pagamento e todos os negócios (...) apresentam-se atualmente como negócios puros de dinheiro." (DEFOE, D. *An Essay upon Publick Credit*. 3ª ed., Londres, 1710. p. 8.)

[a] Vales postais. (N. dos T.)

de Luís XIV, que com tanta eloqüência foi denunciada por Boisguillebert, Marechal Vauban etc., não se devia somente ao montante dos impostos, mas também à conversão dos impostos em natura em impostos em dinheiro.[209] Por outro lado, se a forma natural da renda do solo, que constitui, na Ásia, ao mesmo tempo, o elemento fundamental do imposto público, baseia-se lá em condições de produção que se reproduzem com a imutabilidade de condições naturais, aquela forma de pagamento repercurte sobre a forma antiga de produção, conservando-a. É um dos segredos da autoconservação do Império Turco. E se, no Japão, o comércio externo imposto pela Europa provoca a conversão da renda em natura em renda em dinheiro, será à custa de sua agricultura exemplar. Suas estreitas condições econômicas de existência dissolver-se-ão.

Em cada país se fixam certos prazos gerais de pagamento. Esses prazos, abstraindo outros ciclos da reprodução, obedecem em parte às condições naturais da produção, vinculadas às mudanças de estação. Esses prazos regulam também pagamentos que não surgem diretamente da circulação de mercadorias, tais como impostos, rendas etc. O volume de dinheiro que é exigido, em certos dias do ano, para pagamentos dispersos por toda a superfície da sociedade, origina perturbações periódicas, mas que são completamente superficiais, na economia dos meios de pagamento.[210] Da lei que regula a velocidade de circulação dos meios de pagamento depreende-se que para todos os pagamentos periódicos, qualquer que seja a sua origem, o volume de meios de pagamento necessário está em proporção direta à duração dos prazos de pagamento.[211]

209 "O dinheiro tornou-se o verdugo de todas as coisas." A arte financeira é "a retorta na qual se evaporou uma quantidade assustadora de bens e mercadorias a fim de obter esse fatal extrato". "O dinheiro declara guerra a todo o gênero humano." (BOISGUILLEBERT. "Dissertation sur la Nature des Richesses, de l'Argent et des Tributs". Edit. Daire. *Économistes Financiers*. Paris, 1843, t. I, p. 413, 417, 418, 419.)

210 "Segunda-feira de Pentecostes de 1824", conta o sr. Craig à comissão de investigação parlamentar de 1826, "havia uma procura tão imensa por notas bancárias em Edimburgo que às 11 horas não tínhamos mais nenhuma nota sob nossa custódia. Dirigimo-nos aos diferentes bancos, um após o outro, para obter algumas emprestadas, mas não foi possível e muitas transações só puderam ser acertadas por meio de *slips of paper*.* Às 3 horas da tarde, porém, diversas notas já haviam retornado aos bancos dos quais haviam saído. Elas apenas tinham mudado de mãos." Embora a circulação média efetiva das notas bancárias na Escócia importe em menos de 3 milhões de libras esterlinas, são postas em atividade em diversos dias de pagamento do ano, todas as notas que se encontram na posse dos banqueiros, num total de cerca de 7 milhões de libras esterlinas. Nessas ocasiões, as notas têm de exercer uma função única e específica e tão logo esteja exercida, refluem aos respectivos bancos dos quais saíram." (FULLARTON, John. *Regulation of Currencies*. 2ª ed., Londres, 1845, nota à p. 86.) A título de esclarecimento acrescente-se que na Escócia, ao tempo do escrito de Fullarton, não se emitiam cheques, mas só notas para os depósitos.
* Pedaços de papel. (N. dos T.)

211 À pergunta "se houvesse a necessidade de movimentar 40 milhões por ano, bastariam os mesmos 6 milhões" (ouro) "para os giros e ciclos, que se dão por exigência do comércio" Petty responde com sua costumeira mestria: "Eu respondo sim: para a quantia de 40 milhões bastariam 40/52 de 1 milhão, se os ciclos durassem um período tão curto isto é,

O desenvolvimento do dinheiro como meio de pagamento exige certa acumulação monetária, nas datas de vencimento das somas devidas. Enquanto o entesouramento desaparece como forma autônoma de enriquecimento, com o progresso da sociedade burguesa, ele, ao contrário, cresce na forma de fundos de reserva dos meios de pagamento.

c) Dinheiro mundial

Ao sair da esfera interna de circulação, o dinheiro desprende-se das formas locais do padrão de preços, moeda, moeda divisionária e signo de valor, e reassume a forma originária de barras dos metais preciosos. No comércio mundial as mercadorias desdobram seu valor universalmente. Sua figura autônoma de valor se defronta, portanto, aqui também com elas sob a forma de dinheiro mundial. É só no mercado mundial que o dinheiro funciona plenamente como mercadoria, cuja forma natural é, ao mesmo tempo, forma diretamente social de realização do trabalho humano em abstrato. Seu modo de existir ajusta-se ao seu conceito.

Na esfera interna de circulação pode servir como medida de valor e, portanto como dinheiro, somente uma mercadoria. No mercado mundial domina dupla medida de valor, o ouro e a prata.[212]

semanal, como acontece com pobres artesãos e trabalhadores, que recebem e pagam todos os sábados; se, porém os prazos forem trimestrais, conforme nosso costume de pagar arrendamento e de coletar impostos, então seriam necessários 10 milhões. Se supusermos, portanto, que os pagamentos geralmente ocorrem em prazos diferentes, entre 1 e 13 semanas, então tem-se de adicionar 10 milhões a 40/52, cuja metade é cerca de 5 1/2 milhões, de modo que 5 1/2 milhões seriam suficientes". (PETTY, William. *Political Anatomy of Ireland, 1672*. Edit. Londres, 1691. p. 13-14.)*

* Marx cita aqui o escrito de Petty "Verbum sapienti", que foi publicado como suplemento da obra *Political Anatomy of Ireland*. (N. da Ed. Alemã.)

212 Daí a inadequação de qualquer legislação que prescreva aos bancos nacionais só entesourarem o metal precioso que funciona como dinheiro no interior do país. Os "doces impedimentos" assim auto-impostos do Bank of England, por exemplo, são conhecidos. Sobre as grandes épocas históricas da mudança do valor relativo do ouro e da prata, ver MARX, Karl. *Op. cit.*, p. 136 *et seqs.* — Aditamento à 2ª edição. Sir Robert Peel procurou em sua lei bancária de 1844 remediar esse mal, permitindo ao Bank of England emitir notas garantidas por barras de prata, de tal maneira porém que a reserva de prata nunca fora mais que 1/4 da reserva de ouro. O valor da prata estima-se, nesse caso, segundo seu preço de mercado (em ouro) no mercado de Londres. {À 4ª edição. Encontramo-nos, de novo, numa época de grande mudança do valor relativo do ouro e da prata. Há cerca de 25 anos, a relação de valor do ouro à prata era de 15 1/2: 1, hoje é de aproximadamente 22: 1, e a prata está caindo ainda continuamente em relação ao ouro. Isso é no essencial a conseqüência de uma mudança no modo de produção de ambos os metais. Antigamente, extraía-se o ouro quase exclusivamente por meio da lavagem de camadas aluviais, produtos da erosão de rochas auríferas. Agora já não basta esse método, que foi relegado a segundo plano pelo processamento dos próprios filões auríferos de quartzo, método que, embora bem conhecido dos antigos (DIODOR. III, 12-14), era utilizado antes apenas em segundo lugar. Por outro lado, não apenas descobriram-se novas jazidas imensas de prata a oeste das montanhas Rochosas americanas, mas também estas e as minas de prata mexicanas foram abertas ao tráfego por vias férreas, possibilitando a introdução de maquinaria moderna e de combustíveis e, desse modo, a extração de prata em maior escala e a custos mais baixos. Existe, porém, grande diferença quanto ao modo de ocorrência dos dois metais nos filões. O ouro está geralmente em estado puro, mas em compensação disperso no quartzo em quantidades

O dinheiro mundial funciona como meio geral de pagamento, meio geral de compra e materialização social absoluta da riqueza em geral (*universal wealth*). A função como meio de pagamento, para a compensação de saldos internacionais, é predominante. Daí a palavra de ordem dos mercantilistas — balança comercial![213] O ouro e a prata funcionam como meio internacional de compra sobretudo cada vez que se perturba bruscamente o equilíbrio tradicional do metabolismo entre nações diferentes. Finalmente, como materialização social absoluta da riqueza, onde não se trata nem de compras nem de pagamentos, mas

minúsculas; por isso, toda a ganga tem de ser triturada, extraindo-se depois o ouro por meio de lavagem ou por meio de mercúrio. Freqüentemente obtém-se de 1 milhão de gramas de quartzo apenas 1 a 3 gramas, muito raramente 30 a 60 gramas de ouro. A prata quase nunca ocorre pura, mas em compensação em minérios próprios, que podem ser separados com relativa facilidade da ganga e contêm geralmente 40 a 90% de prata; ou é contida em quantidades menores nos minérios de cobre, chumbo etc., cujo processamento já é por si mesmo lucrativo. Daí já se vê que, enquanto o trabalho de produção do ouro tende a aumentar, ao passo que o da prata indubitavelmente diminui, a queda do valor da última se explica de maneira inteiramente natural. Essa queda do valor expressar-se-ia em queda ainda maior de preço, caso não se mantivesse o preço da prata elevado por meios artificiais. Os tesouros de prata da América, porém, só foram colocados ao alcance dos exploradores em pequena parte, e assim toda a perspectiva é de que o valor da prata continue a baixar por mais tempo. Contribui ainda para isso a relativa diminuição da demanda de prata para artigos de uso e de luxo, sua substituição por mercadorias prateadas, alumínio etc. Daí avalie-se o utopismo da idéia bimetalista de que um curso forçado internacional elevaria a prata à antiga proporção de valor 1: 15 1/2. É mais provável que a prata perca também no mercado mundial, cada vez mais, sua qualidade monetária. — F. E.}

213 Os antagonistas do sistema mercantilista, que considerava a liquidação do saldo excedente da balança comercial por meio de ouro e prata como objetivo do comércio internacional, desconheceram totalmente, por seu lado, a função do dinheiro mundial. Como a concepção falsa das leis que regulam o volume do meio circulante se reflete na concepção falsa sobre o movimento internacional dos metais preciosos, demonstrei minuciosamente em Ricardo. (*Op. cit.,* p. 150 *et seqs.*) Seu falso dogma: "Uma balança comercial desfavorável só pode originar-se de um excesso de meio circulante. (...) A exportação de moedas é devido a seu preço baixo e não é conseqüência, porém causa, de uma balança desfavorável."* Já se encontra em Barbon: "A balança comercial, quando existe uma, não é a causa de que o dinheiro seja exportado de um país. A exportação resulta antes da diferença de valor dos metais preciosos em cada país". (BARBON, N. *Op. cit.*, p. 59.) MacCulloch em *The Literature of Political Economy: a Classified Catalogue,* Londres, 1845, louva Barbon por essa antecipação, mas evita prudentemente mencionar as formas ingênuas, em que aparecem ainda em B., os pressupostos absurdos do *currency principle.*** A falta de crítica e mesmo a desonestidade desse catálogo culminam nas seções sobre a história da teoria monetária, porque aqui McCulloch está bajulando como sicofanta de Lord Overstone (o ex-banqueiro Loyd), a quem chama "*facile princeps argentariorum*".***

* Marx cita aqui o livro de RICARDO, D. *The High Price of Bullion a Proof of the Depreciation of Bank Notes*. 4ª ed., Londres, 1811.

** Teoria monetária muito divulgada na Inglaterra na primeira metade do século XIX, que partiu da teoria quantitativa do dinheiro. Os representantes da teoria quantitativa afirmam que os preços das mercadorias seriam determinados pela quantidade de dinheiro em circulação. Os representantes do *currency principle* queriam imitar as leis da circulação metálica. No *currency* (meio circulante) incluíam, além do dinheiro metálico, também as notas bancárias. Eles acreditavam alcançar um curso estável do dinheiro por meio da plena cobertura em ouro das notas; a emissão devia ser regulada conforme a importação e exportação do metal precioso. As tentativas do Governo inglês (lei bancária de 1844) de basear-se nessa teoria não tiveram nenhum sucesso e somente confirmaram sua falta de sustentação científica e sua total inutilidade para fins práticos. (N. da Ed. Alemã.)

*** O reconhecido rei da gente de dinheiro. (N. dos T.)

sim de transferência de riqueza de um país a outro e onde essa transferência não é permitida sob a forma de mercadoria, seja pelas conjunturas do mercado, seja pelo fim que se busca alcançar.[214]

Do mesmo modo como para sua circulação interna, necessita todo país contar com um fundo de reserva para a circulação do mercado mundial. As funções dos tesouros surgem, assim, em parte da função do dinheiro como meio interno de pagamento ou de circulação, em parte de sua função como dinheiro mundial.[215] Neste último papel sempre é exigida a mercadoria monetária efetiva, o ouro e a prata em pessoa; daí ter James Stewart expressamente caracterizado ouro e prata em contraste com suas representações puramente locais, como *money of the world*.[216]

O movimento do fluxo de ouro e prata é duplo. De um lado, ele se espalha a partir de suas fontes, sobre todo o mercado mundial, onde é absorvido, em diferentes volumes, pelas distintas esferas nacionais de circulação, para penetrar pelos seus canais internos de circulação, substituir moedas de ouro e prata desgastadas, fornecer material para mercadorias de luxo e imobilizar-se como tesouros.[217] Esse primeiro movimento é efetuado por meio do intercâmbio direto dos trabalhos nacionais realizados em mercadorias, pelo trabalho realizado em metais preciosos dos países produtores de ouro e prata.

Por outro lado, o ouro e a prata fluem constantemente de lá para cá entre as diferentes esferas nacionais de circulação, um movimento que acompanha as incessantes oscilações do curso de câmbio.[218]

Os países de produção burguesa desenvolvida limitam os tesouros

214 Por exemplo, nos casos de subsídios, de empréstimos de dinheiro para condução de guerras ou para a retomada dos pagamentos a vista pelos bancos etc., o valor pode ser exigido justamente na forma de dinheiro.

215 Nota à 2ª edição. "De fato, eu não posso imaginar nenhuma prova mais convincente de que o mecanismo do entesouramento, em países de padrão metálico, é capaz de desempenhar cada função necessária à compensação de obrigações internacionais, sem nenhum apoio perceptível por parte da circulação geral, do que a facilidade com que a França, ainda em vias de se recuperar do abalo de uma destruidora invasão estrangeira, conseguiu efetuar, num período de 27 meses, o pagamento de quase 20 milhões de indenização de guerra, imposta a elas pelas potências aliadas, sendo de se notar que parte considerável dessa soma em dinheiro metálico, sem restrição ou perturbação visível do curso interno do dinheiro ou sem quaisquer oscilações alarmantes de seu curso de câmbio." (FULLARTON. *Op. cit*., p. 141.) (À 4ª edição. — Um exemplo de maior impacto temos na facilidade com que a mesma França, de 1871 a 1873, conseguiu pagar, em 30 meses, uma indenização de guerra mais de dez vezes superior, sendo, da mesma forma, uma parte significativa em dinheiro metálico. — F. E.}

216 Dinheiro do mundo. (N. dos T.)

217 "O dinheiro distribui-se pelas nações segundo suas necessidades (...) ao ser atraído sempre pelos produtos." (LE TROSNE. *Op. cit*., p. 916.) "As minas, que estão fornecendo continuamente ouro e prata, são suficientemente fecundas para fornecer a cada nação esse *quantum* necessário." (VANDERLINT, J. *Op. cit*., p. 40.)

218 "Os cursos de câmbio sobem e descem toda semana; em certos períodos do ano, sobem em prejuízo de uma nação, em outros chegam à mesma altura em favor desta." (BARBON, N. *Op. cit*., p. 39.)

maciçamente concentrados nas reservas bancárias ao mínimo requerido por suas funções específicas.[219] Embora haja exceções, o crescimento extraordinário da reserva do tesouro, acima de seu nível médio, indica estancamento da circulação das mercadorias ou interrupção do fluxo de metamorfose das mercadorias.[220]

219 Essas funções diferentes podem entrar em conflito perigoso logo que se lhes adiciona a função de um fundo de conversão para notas bancárias.

220 "O que existe em dinheiro além do mínimo indispensável para o comércio interno representa capital morto, e não traz nenhum ganho ao país que o possui, exceto quando ele mesmo é exportado respectivamente importado." (BELLERS, John. *Essays* etc. p. 13.) "O que acontece se temos dinheiro cunhado em demasia? Poderemos fundir o mais pesado e transformá-lo em suntuosas baixelas, vasos e utensílios domésticos de ouro e prata; ou enviá-lo como mercadoria para onde há necessidade e procura por ele; ou emprestá-lo a juros, onde se paga alta taxa de juros." (PETTY, W. *Quantulumcumque*. p. 39.) "O dinheiro é apenas a gordura do corpo do Estado, e por isso seu excesso afeta tanto sua mobilidade quanto sua falta torna-o doente (...) como a gordura lubrifica o movimento dos músculos, substitui alimentos faltantes, aplaina desníveis e embeleza o corpo, assim o dinheiro facilita os movimentos do Estado, traz alimentos do exterior quando há carestia no país, paga dívidas (...) e embeleza o conjunto; porém particularmente", conclui ironicamente, "os indivíduos que possuem muito dele." (PETTY, W. *Political Anatomy of Ireland*. p. 14-15.)